



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DE BACABAL - CCEL

RAMON DE OLIVEIRA SOUSA

DO SERTÃO À TRANSFORMAÇÃO:
Uma Análise da Obra *Poesia que Transforma*, de Bráulio Bessa

BACABAL
2025

RAMON DE OLIVEIRA SOUSA

DO SERTÃO À TRANSFORMAÇÃO:

Uma Análise da Obra *Poesia que Transforma*, de Bráulio Bessa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), do Centro de Ciências, Educação e Linguagens (CCEL) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira

BACABAL
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Ramon de Oliveira.

DO SERTÃO À TRANSFORMAÇÃO : uma Análise da Obra Poesia
que Transforma, de Bráulio Bessa / Ramon de Oliveira
Sousa. - 2025.

79 p.

Orientador(a): Fábio José Santos de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão,
Bacabal-ma, 2025.

1. Bráulio Bessa. 2. Poesia Que Transforma. 3.
Literatura de Autoajuda. 4. Poesia Inspiracional. I.
Santos de Oliveira, Fábio José. II. Título.|

RAMON DE OLIVEIRA SOUSA

DO SERTÃO À TRANSFORMAÇÃO:

Uma Análise da Obra *Poesia que Transforma*, de Bráulio Bessa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), do Centro de Ciências, Educação e Linguagens (CCEL) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovada em 15 de dezembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS–PPGLB/UFMA)

Prof. Dr. Cácio José Ferreira (UnB–PPGLB/UFMA)

Profª. Dra. Mayara de Andrade Calqui (FFLCH/ USP)

Dedico esse trabalho a todos os meus professores que acreditaram em mim, da educação infantil até o mestrado, por cada palavra de incentivo, por cada ensinamento e por me ajudarem a enxergar caminhos mesmo quando eu duvidava da chegada.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre me amparar nos momentos difíceis.

A todos da minha família que me apoiaram e incentivaram os meus estudos.

A minha querida esposa Luana pelo apoio e por sempre acreditar em mim.

Ao meu orientador, Prof. Fábio pela orientação, pelo cuidado, pela paciência, pela empatia e sua atenção minuciosa aos detalhes da minha pesquisa. Com seus ensinamentos pude concretizar esse que é um dos meus maiores sonhos. Serei eternamente grato.

Ao meu grande amigo Rondiney, que dividiu comigo as dores e felicidades desde a seleção até os momentos finais do mestrado.

A meu amigo e companheiro de estrada Regivaldo, que muito me ensinou com sua mansidão e atenção a tudo que os professores falavam.

Aos meus amigos de turma do mestrado que fizeram essa caminhada ser mais leve, em especial, Larissa, Layna, Ottavio, José John, Cleidimar e Denise. Com eles pude perceber que as dificuldades do mestrado podem ser superadas com empatia, cooperação e companheirismo.

Ao meu amigo de graduação Saulo Lucena que pavimentou os caminhos da pós-graduação e me fez acreditar que era possível fazer um mestrado numa realidade como a nossa.

Aos maravilhosos professores que tive durante o mestrado, em especial a prof. Lucélia, pois suas aulas de literatura e sociedade ecoam até hoje em nossas mentes.

A Universidade Pública, especialmente a UFMA *campus* Bacabal, onde por meio desse mestrado pude ver o mundo de forma mais crítica e sábia.

Acredite e não se explique
pois poucos vão entender:
só se compreende um sonho
se o sonhador for você.
Há quem possa lhe animar,
há quem possa duvidar,
há quem lhe faça seguir.
Mas não descuide um segundo
pois muita gente no mundo
quer lhe fazer desistir.

- Bráulio Bessa em *Acredite* [2018]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *Poesia que Transforma* (2018), de Bráulio Bessa. Esta pesquisa explora a interseção entre a literatura de cordel e a literatura de autoajuda. Especificamente, esta pesquisa objetiva tecer reflexões acerca da transformação proposta pela poesia de Bráulio Bessa, bem como identificar, na obra, os poemas que trazem uma reflexão mais profunda e identitária. É interessante compreender as transformações que a obra *Poesia que Transforma*, provoca, seja no próprio autor, seja na vida dos leitores. Diante disso, guiamo-nos pelas seguintes questões-problema: Qual é a transformação proposta por Bráulio Bessa? Quais são as influências da literatura de cordel e da literatura de autoajuda presentes na obra? Metodologicamente, a pesquisa é de natureza básica e bibliográfica. Para sua realização, foram utilizados estudos de Haurélio (2013), Proença (1982), Andrade (2021), Rüdiger (2010), Reis (2013), Eagleton (2006), Compagnon (2009), Morin (2002), Friedrich (1978), entre outros. E com a contribuição desses, podemos perceber como a poesia de Bessa alia a tradição do cordel e o viés contemporâneo da autoajuda e como Bráulio Bessa constrói uma ponte entre o saber popular nordestino e as demandas emocionais do sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: Bráulio Bessa, *Poesia que Transforma*, Literatura de Autoajuda, Poesia Inspiracional.

ABSTRACT

This study aims to analyze the work *Poesia que Transforma* (Poetry that Transforms) (2018), by Bráulio Bessa. This research explores the intersection between cordel literature and self-help literature. Specifically, this research aims to reflect upon the transformation proposed by Bráulio Bessa's poetry, as well as to identify, within the work, the poems that offer a deeper reflection on identity. This study also seeks to understand the transformations that the work *Poesia que Transforma* provokes, both in the author himself and in the lives of his readers. In this context, we are guided by the following research questions: What is the transformation proposed by Bráulio Bessa? What are the influences of cordel literature and self-help literature present in the work? Methodologically, this study is classified as basic research and utilizes a bibliographic approach. The theoretical framework draws upon studies by Haurélio (2013), Proença (1982), Andrade (2021), Rüdiger (2010), Reis (2013), Eagleton (2006), Compagnon (2009), Morin (2002), and Friedrich (1978), among others. Based on these contributions, the findings reveal how Bessa's poetry combines the cordel tradition with the contemporary aspect of self-help, and how Bráulio Bessa builds a bridge between Northeastern popular wisdom and the emotional demands of the contemporary subject.

Keywords: Bráulio Bessa, *Poesia que Transforma*, Self-Help Literature, Inspirational Poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	14
POESIA INSPIRACIONAL DO CORDEL À AUTOAJUDA.....	14
1.1 Apontamentos introdutórios sobre poesia.....	14
1.2 Apontamentos teóricos sobre a literatura de cordel	19
1.3 Apontamentos teóricos sobre a literatura de autoajuda	26
CAPÍTULO 2	36
A POESIA COMO NECESSIDADE E TRANSFORMAÇÃO PRÓPRIAS	36
2.1 A poesia como uma necessidade pessoal (um dom)	36
2.2 A poesia como transformação pessoal	42
CAPÍTULO 3	49
A POESIA QUE CURA E CONFRONTA.....	49
3.1 A poesia como transformação na vida das pessoas	49
3.2 A poesia como arma contra o preconceito	60
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise da obra *Poesia que Transforma* (2018), escrita por Bráulio Bessa, focando na influência da literatura de cordel e da literatura de autoajuda. Especificamente, esta pesquisa objetiva tecer reflexões acerca da transformação proposta pela poesia de Bráulio Bessa, assim como identificar, na obra, os poemas que trazem uma reflexão mais profunda e identitária. Bráulio Bessa é um escritor, cordelista e palestrante brasileiro, nascido em Alto Santo, interior do Ceará. Autor de quatro livros, sendo eles: *Poesia com Rapadura* (2017), *Poesia Que Transforma* (2018), *Recomece* (2018) e *Um Carinho na Alma* (2019). Em todas as suas obras, Bessa ressalta o orgulho que sente em ser nordestino, seja através da história contada em prosa, seja por meio de suas poesias. Aqui chamamos a poesia de Bessa de poesia inspiracional. Essa abordagem busca compreender como a obra *Poesia que Transforma* se posiciona na interseção entre a tradição do cordel e a literatura de autoajuda, analisando o impacto de sua mensagem motivacional e inspiracional. Os poemas de Bessa em sua maioria têm um tom inspiracional e ressoam profundamente em quem as lê, oferecendo uma mistura de beleza estética e mensagens que se propõem a inspirar os leitores, promovendo um convite à introspecção e à autorreflexão. É como se os versos inspiracionais de Bessa fossem uma janela aberta para inspiração e renovação.

É possível perceber em sua obra a utilização de elementos da cultura nordestina e a sensibilidade ao abordar temas sociais e emocionais. Em *Poesia que Transforma*, Bessa utiliza sua habilidade poética para inspirar mudanças e reflexões nos leitores. Ele explora em seus poemas a força das palavras como ferramenta de transformação pessoal e coletiva, destacando valores como a resiliência, a esperança e o amor-próprio.

No primeiro capítulo, primeiramente, são realizados alguns apontamentos introdutórios sobre poesia, destacando-se importantes abordagens acerca desse gênero. Realizamos também uma discussão acerca dos aspectos históricos da literatura de cordel, tratando do seu surgimento, da sua importância e da heterogeneidade de temáticas presentes nos cordéis ao longo do tempo, trazendo à tona a influência de figuras proeminentes como Leandro Gomes de Barros, considerado o pai do cordel brasileiro, e o poeta declamador Patativa do Assaré, que é a maior inspiração de Bráulio Bessa. A análise se aprofunda na evolução da literatura de cordel e nas diversas temáticas abordadas, desde questões sociais até lendas do sertão.

Esse capítulo examina como a literatura de cordel funcionou como um meio de educação e democratização do conhecimento, atingindo diversos públicos e contribuindo para

a construção de uma identidade cultural regional. Também aborda a importância da oralidade e das apresentações dos cantadores, figuras-chave na disseminação dos cordéis, evidenciando a energia e a vitalidade dessa tradição literária. Destaca também a importância da oralidade para Bráulio Bessa, sendo ele um autor que teve sua poesia amplamente conhecida por meio de suas declamações em programas de televisão e também por meio das redes sociais.

Os cordéis são conhecidos por terem uma linguagem acessível, fazendo a informação chegar a diferentes espaços. Um dos principais pontos ressaltados no início desse capítulo é a capacidade que os cordéis têm de proporcionar uma reflexão acerca da realidade nordestina, exaltando a beleza, a cultura e as peculiaridades do Nordeste, ao mesmo tempo que também critica e aponta para questões sociais e estigmatizantes tangentes ao Nordeste, como: a fome, a seca, a pobreza e o analfabetismo.

Nesse capítulo também abordamos a literatura de autoajuda moderna e muitas de suas nuances. Pode-se dizer que a obra *Poesia que Transforma* se constrói inspirando-se na literatura de cordel e também na literatura de autoajuda. Isso é percebido por conta dos vieses orientadores e aconselhadores que compõem a obra. O livro de Bráulio Bessa destaca-se pela fusão dessas duas literaturas, utilizando a estrutura e a linguagem do cordel para passar mensagens de motivação e reflexão pessoal, características típicas da literatura de autoajuda.

Por meio de suas poesias, Bessa conduz uma transformação interior nos leitores, estimulando-os a confrontar desafios, superar dificuldades e apreciar a própria identidade. A fusão desses elementos literários cria uma obra rica e multifacetada, que tem a capacidade de impactar profundamente os leitores. Em contraste com isso, esse capítulo também trata do preconceito que a obra de Bessa sofre, justamente por ser considerada uma literatura de autoajuda, literatura que por muitos é vista como menor. Esse preconceito se manifesta de diversas formas, desde a desvalorização acadêmica até a estigmatização cultural. Apesar de atingir um público amplo e proporcionar reflexões significativas, a literatura de autoajuda é frequentemente julgada por seu apelo comercial e por ser percebida como menos profunda ou complexa.

A literatura é examinada sob múltiplas perspectivas, considerando as variadas funções que pode desempenhar, desde seu papel social e educativo à sua potência como fonte de entretenimento e instrumento de introspecção. A discussão sobre o que é ou não considerado literatura é fundamental, pois permite refletir sobre os critérios de valorização e legitimação das obras literárias. Este debate é de grande relevância para a obra de Bráulio Bessa, que, apesar de ser amplamente consumida pelo público, enfrenta preconceitos no meio acadêmico devido à sua classificação como literatura de autoajuda. Este capítulo busca, portanto, compreender essas

dinâmicas e entender como a obra de Bessa se coloca nesse campo literário.

No segundo capítulo, analisamos a poesia como uma necessidade pessoal (um dom), tal como se manifesta na obra de Bessa, com ênfase especial no livro em estudo. Nessa perspectiva, a poesia revela-se como uma forma de expressão literária intrinsecamente ligada ao autor, operando como válvula de escape emocional e meio de comunicação profunda. Nesse mesmo capítulo, abordamos como a poesia pode ser um poderoso agente de mudança individual. É possível dizer que, na poesia de Bráulio Bessa, a palavra assume uma função que vai além da simples expressão de afetos: ela mobiliza processos de ressignificação da dor, superação de vivências traumáticas e afirmação identitária. Nesse sentido, a poesia configura-se como um reflexo sensível da subjetividade, funcionando como suporte emocional, despertando a empatia e fomentando reflexões significativas sobre a própria existência.

Nesse capítulo, também tratamos da relação que a poesia de Bessa tem com a oralidade, explorando como essa característica fortalece o vínculo entre o poeta e seu público. A oralidade, resgata tradições populares nordestinas e é algo interessante de se ressaltar, tendo em vista a forma como a poesia de Bessa foi popularmente disseminada. Cabe dizer que este capítulo foca nas transformações geradas pela obra de Bessa, mais precisamente nas transformações sofridas por ele mesmo, encarando sua poesia como um dom ou como uma poderosa ferramenta de transformação pessoal.

No terceiro capítulo, exploramos como os poemas de Bráulio Bessa inspiram os leitores a refletirem sobre suas próprias vidas, a enfrentarem desafios e a buscarem autoconhecimento e crescimento pessoal, e como essa transformação impacta diretamente o autor da obra. Investigamos a poesia de Bessa como transformação na vida das pessoas e essa poesia como arma contra o preconceito. Analisamos como a poesia de Bráulio Bessa chega a impactar positivamente na vida dos leitores, pautada em valores como igualdade, respeito e valorização das diferenças, promovendo mudanças profundas em suas perspectivas e atitudes. Trouxemos relatos dos leitores sobre essa transformação, os quais se fazem presentes na própria obra de Bessa. Além disso, examinaremos como a poesia pode ser uma ferramenta eficaz na luta contra o preconceito.

O preconceito sofrido pela cultura popular nordestina no geral é uma realidade. Bráulio Bessa se posiciona como alguém que milita contra o preconceito sofrido pelos nordestinos, e atua no combate a qualquer tipo de discriminação. Por intermédio de uma poética que enaltece o sotaque, resgata as tradições orais, celebra a religiosidade popular e afirma com orgulho a identidade nordestina, Bráulio Bessa reivindica, com sensibilidade, o reconhecimento e o respeito que tais expressões culturais merecem. É interessante perceber que a poesia de Bráulio

Bessa confronta o preconceito, na medida em que exalta sua cultura e as particularidades do Nordeste, valorizando elementos identitários que muitas vezes são marginalizados.

Nesse sentido, a pesquisa se norteia pelas seguintes questões: Qual é a transformação proposta por Bráulio Bessa? Quais são as influências da literatura de cordel e da literatura de autoajuda presentes na obra? Para a realização dessa pesquisa de natureza básica bibliográfica, foram utilizados estudos de Haurélio (2013), Proença (1982), Andrade (2021), Rüdiger (2010), Reis (2013), Eagleton (2006), Compagnon (2009), Morin (2002), Friedrich (1978), Tavares (2005), Tucherman (2012), Nogueira (2017), Santos (2020), Cohen (1974), dentre outros autores que contribuem para a compreensão desse estudo.

É relevante salientar que esta pesquisa foi estruturada de modo a abordar, inicialmente, o referencial teórico que fundamenta a compreensão do tema e contribuiu para a análise do objeto de estudo. Os poemas da obra *Poesia que Transforma* selecionados para análise foram: “Coração nordestino”, “Prefiro a simplicidade”, “Grande interior”, “Se”, “Recomece”, “A corrida da vida”, “É preciso mudar”, “Redes sociais”, “Poesia que transforma”, “Um matuto em Nova York” e “Fome”. A escolha desses poemas justifica-se por sua capacidade de sintetizar os eixos centrais desta dissertação. São poemas que vão da exaltação da identidade nordestina até crítica às relações contemporâneas. Ao selecionar poemas que transitam entre o regionalismo e o aconselhamento motivacional, buscou-se demonstrar como Bráulio Bessa ressignifica a tradição do cordel para atender às demandas emocionais do leitor moderno, tornando a poesia um instrumento de acolhimento e transformação social.

CAPÍTULO 1

POESIA INSPIRACIONAL DO CORDEL À AUTOAJUDA

1.1 APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS SOBRE POESIA

Quando tratamos sobre poesia, estamos tratando de uma arte que pode causar grande impacto na vida das pessoas. A poesia está para além de uma arte bela e sentimental, pois pode causar reflexões e transformações, tanto para quem escreve quanto para quem lê. A poesia tem esse poder de dar voz e falar de coisas que muitas vezes não conseguem ser ditas, coisas que estão para além do que é interpretado por meio das palavras. A poesia pode despertar emoções que por muito tempo não foram acessadas, emoções que estão adormecidas e funcionam como porta de entrada à essas emoções. Podemos dizer que a poesia é uma forma de linguagem que ressignifica aquilo que não tem destaque, transformando o cotidiano das pessoas, trazendo beleza àquilo que é imperfeito ou escasso. Pode ser que, através dela, memórias sejam revividas, dores sejam expostas e curadas, e mundos inteiros sejam repensados e reconstruídos.

Ao estudar sobre a poesia ao longo da história, nos deparamos com estudos interessantes que tratam da poesia com abordagens que vão do conteúdo à forma, e revelam a vastidão de possibilidades que a arte poética oferece. Desde as reflexões sobre sua função social até as discussões sobre métrica e estilo, a poesia se apresenta como um campo fértil para interpretações e ressignificações. Hugo Friedrich (1978) fala que o estranhamento, a desorientação, a dissolução e até a incoerência são marcas da lírica moderna. Esses elementos são responsáveis por deslocar o leitor de uma zona de conforto interpretativa, desafiando-o a experimentar a obra de forma mais subjetiva e sensorial. A lírica moderna, segundo ele, rompe com a previsibilidade e a harmonia clássica, fazendo com que a fragmentação e a inquietação sejam recursos expressivos da arte poética, provocando o leitor e colocando-o em posição desconfortável, ao mesmo tempo que também o convida para uma imersão mais profunda.

Friedrich (1978, p. 17) fala que “das três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica – sentir, observar, transformar – é esta última que domina a poesia moderna”. A lírica moderna não apenas expressa sentimentos ou descreve observações, mas se empenha em remodelar a própria essência da experiência poética. Assim, os poemas conseguem romper com estruturas tradicionais, desafiam convenções clássicas e criam novas formas de significação.

É interessante pensar na lírica moderna estudada por Friedrich na perspectiva da evolução de estilo. O estranhamento ainda existe e é explorado por diversos poetas

contemporâneos, mas podemos dizer que Bráulio Bessa traz consigo um processo de adaptação e ressignificação da linguagem poética, enquanto a lírica moderna, conforme analisada por Friedrich, muitas vezes priorizava a fragmentação e a complexidade. Bráulio Bessa é um poeta contemporâneo que traz a poesia para um contexto popular, usando versos que dialogam diretamente com o público, por meio de uma linguagem simples e acessível. O autor constrói sua poesia inspiracional que se conecta com a literatura de cordel e com as mídias.

Bráulio Tavares (2005) estuda literatura e os elementos da poesia, principalmente poesia popular. Ele ressalta a importância da oralidade e da tradição na construção da poesia que se aproxima do povo. Sua visão dialoga bastante com a proposta de Bráulio Bessa, pois ambos enxergam na poesia um veículo de comunicação direta, capaz de traduzir sentimentos, reflexões e valores de forma acessível. Tavares destaca que a poesia popular ligada à tradição do cordel, tem uma função social clara: provocar reflexões, contar histórias e criar identidade por meio da musicalidade e da rima. São princípios que também podemos dizer que estão presentes na poesia de Bessa.

Tavares (2005) fala também da importância da técnica para os artistas, principalmente para os poetas, que muitas vezes têm sua escrita prejulgada, como se os poetas levassem em consideração somente os sentimentos e largassem mão da técnica. Tavares diz que:

Algumas pessoas acham que para escrever poesia a técnica não é importante, o que de fato importa é o sentimento. É uma maneira errada de olhar a questão. Sentimentos, sem técnica, costumam gerar apenas uma mistura de desordem e de lugares-comuns. Na poesia, como na música, a técnica existe para mostrar ao artista uma variedade maior de formas para que ele exprima seu sentimento. Não existe bom músico sem técnica, ou bom poeta sem técnica, mesmo que essa técnica seja a de um autodidata (Tavares, 2005, p. 9).

Tavares (2005) ressalta que a técnica é um elemento fundamental na produção artística, permitindo ao poeta organizar suas emoções e explorar novas formas de expressão. A fusão entre técnica e sentimento não restringe a criatividade; ao contrário, amplia as possibilidades do fazer poético, garantindo que a obra vá além do impulso emocional e alcance um nível mais sofisticado de profundidade estética e comunicativa.

Ao buscar entender mais sobre poesia, nos deparamos com o questionamento: Por quais razões alguém começa a escrever poesia? É possível dizer que muitos escritores escrevem pensamentos e só depois passam a chamar esses pensamentos de poesia. A impressão que se tem sobre a poesia vai depender muito do poeta que foi lido, do estilo das poesias lidas. Bráulio Bessa, por exemplo, escreve traduzindo claramente suas inspirações, e o estilo da literatura de cordel está presente em toda sua poesia. Bessa é um grande admirador da poesia matuta do

poeta cearense Patativa do Assaré, mas isso faz a poesia de Bessa ser considerada poesia matuta? Não. O estilo se aproxima e a inspiração é clara, mas há uma conjuntura de elementos na poesia de Bessa que faz com que seja vista como uma poesia mais elaborada e que bebe da fonte estilística de outros autores. Essa intertextualidade entre poetas revela uma característica marcante da poesia: sua natureza de diálogo contínuo. A poesia não nasce isolada; ela se constrói sobre inspirações e referências que atravessam o tempo e o espaço.

Cabe dizer que o ato de fazer poesia, além de refletir estilo e inspiração, também é visto como um impulso. Tavares (2005) diz que esse impulso vem de dentro para fora e ocorre quando a pessoa quer expressar algo, seja sobre seus sentimentos pessoais, sua imaginação ou suas opiniões. E esse mesmo impulso pode vir de fora para dentro, em que o recém-poeta percebe que existe um mundo inteiro de poemas pedindo para serem lidos. Esse processo de interação entre o interno e o externo faz com que a poesia se torne não apenas uma expressão individual, mas também um diálogo contínuo com a tradição literária e com a realidade ao redor. Ao ser tocado por esse chamado externo, o poeta molda suas criações a partir de experiências, referências e da contemplação do mundo ao seu redor, amplia seu repertório e consolida sua identidade artística. Dessa maneira, a poesia se torna um elo entre o individual e o coletivo, permitindo que emoções, pensamentos e reflexões se materializem em versos que reverberam tanto na alma do autor quanto na sensibilidade do leitor.

Tavares (2005), ao estudar sobre poesia, destaca três elementos essenciais: música, imagem e ideia. A primeira se refere ao ritmo, à sonoridade que é causada pelas palavras e sílabas, e como elas se organizam na poesia. A métrica e a cadência dos versos criam uma musicalidade que torna a poesia envolvente e expressiva. A poesia é a que mais se aproxima da canção e da oralidade, podendo impactar o leitor ou ouvinte de forma sensorial.

Quando Tavares destaca a imagem, ele quer dizer que a poesia é visual no sentido figurado. Ela evoca sensações e cenas que estimulam a imaginação do leitor. As figuras de linguagem, como metáforas e comparações, ajudam a transformar palavras em imagens mentais que enriquecem a interpretação e a experiência poética.

Já a ideia se dá porque todo poema carrega um significado, explícito ou não. A ideia é o cerne da mensagem poética, aquilo que o autor deseja transmitir por meio de suas palavras, podendo ser uma reflexão filosófica, um sentimento, uma crítica, um devaneio e até algo do cotidiano:

A poesia procura usar a sonoridade das palavras e o ritmo das frases para criar uma impressão de música; procura sugerir imagens através de palavras que estimulem indiretamente os nossos cinco sentidos; e procura evocar ideias através de palavras que traduzam noções abstratas (Tavares, 2005, p. 18).

Tavares argumenta que a combinação desses três elementos é fundamental para que um poema atinja seu potencial, equilibrando emoção e técnica de maneira harmoniosa. No processo de escrita de um poema, o poeta recorre a um ou a outro desses procedimentos com mais intensidade, de forma que varie o modo como atinge o leitor. Com isso, o poema pode variar esses procedimentos e criar diferentes efeitos, conforme a intenção do autor e a percepção do público. Em determinadas ocasiões, a musicalidade se destaca, aproximando o poema da oralidade e conferindo-lhe um tom melódico. Em outras, a força das imagens prevalece, evocando sensações intensas no leitor. Já a ideia pode ser o eixo da composição, transformando o poema em um meio de reflexão ou crítica, aprofundando sua mensagem e significado.

Quando nos propomos a entender mais sobre o mundo da poesia, é interessante percebê-lo como um lugar de diferentes camadas de significados. A linguagem poética é repleta de técnicas e estilos que contribuem para que ela seja tão poderosa. Jean Cohen (1974) apresenta o princípio da homogeneidade. Para ele, esse conceito tem fundamental importância no processo de análise da poesia. Com esse princípio, ele propõe que a poesia escrita seja comparada com a prosa escrita, e não com a linguagem falada, pois a linguagem falada tem sua estrutura e funcionamento essencialmente diferentes:

Mas o princípio da homogeneidade exige que a poesia, que é escrita, seja comparada com a prosa escrita. Ora, neste caso, a espontaneidade não é mais um critério suficiente. Com efeito, ninguém escreve espontaneamente. A escritura implica sempre um mínimo de esforço e elaboração, e quando se pensa em escrever, nem que seja uma simples carta, sempre se visa ao estilo. Toda linguagem escrita tende, por assim dizer, a ser um “escrito” e o sentido metafórico da palavra já é revelador (Cohen, 1974, p. 22).

Assim, como fala Cohen, o princípio da homogeneidade nos leva a reconhecer que, para compreender a poesia, devemos analisá-la dentro de sua própria lógica, respeitando suas singularidades e sua capacidade de produzir efeitos. Para Cohen, a poesia não deve ser vista como uma mera estilização da linguagem cotidiana, mas como um fenômeno que desafia as normas convencionais da comunicação escrita.

Embora a oralidade seja um fator essencial na forma como sua poesia é recebida e apreciada, sua essência poética precisa ser examinada no contexto da linguagem escrita. Segundo Cohen, a poesia opera dentro de uma estrutura própria, que vai além da espontaneidade da fala e se constitui por meio de escolhas estilísticas deliberadas. Isso significa que, mesmo quando declamada, sua construção textual segue os padrões e mecanismos da escrita.

Também é possível fazer inferências sobre como a poesia pode sofrer influência de

outros autores, moldando estilos, temáticas e construções linguísticas. Um poeta dialoga com outro, fazendo uma releitura daquilo que o inspira. Tal influência se revela na seleção de temas recorrentes, no emprego de estruturas métricas clássicas ou na transgressão de normas estabelecidas, evidenciando que a poesia se reinventa continuamente, expandindo suas fronteiras e explorando novas formas de expressão.

A influência que os autores têm de seus antecessores gera conflitos internos como: a vontade de criar algo original e o desejo de se destacar tanto quanto seu predecessor. Bloom (1997) trata dessa relação que os poetas têm com seus predecessores e destaca que todos os poetas sofrem com a influência dos grandes poetas que vieram antes dele: “Um poeta influencia outro, ou mais precisamente, que os poemas de um poeta influenciam os de outro, por uma generosidade do espírito, até mesmo uma generosidade partilhada” Bloom (2002, p. 80). E isso ocasiona um processo de reinterpretação que Bloom chama de: “má interpretação poética” que apesar da carga negativa do nome é um processo criativo essencial. Os novos poetas, no exercício da arte poética, reinterpretem os poetas predecessores distorcendo-os para afirmar suas próprias identidades.

A influência poética – quando envolve dois poetas fortes, autênticos – sempre se dá por uma leitura distorcida do poeta anterior, um ato de correção criativa que é na verdade e necessariamente uma interpretação distorcida. A história da influência poética frutífera, o que significa a principal tradição da poesia ocidental desde o Renascimento, é uma história de angústia e caricatura auto-salvadora [sic], de distorção, ou perverso e deliberado revisionismo, sem o qual a poesia moderna como tal não poderia existir (Bloom, 2002, p. 80).

Com isso, a poesia se constrói sobre um processo dinâmico de diálogo entre tradição e inovação, no qual cada poeta, consciente ou não, absorve e ressignifica os legados literários que o antecedem. Essa relação entre influência e criação se torna um embate interno, uma luta pela originalidade dentro de um campo constituído por grandes vozes do passado. O conceito de “má interpretação poética”, proposto por Bloom, traz um embate que não é um simples processo de assimilação, mas um tipo de resistência criativa e artística, onde o poeta não apenas incorpora elementos de seus predecessores, mas os distorce, os transforma, criando um significado que se distancia da intenção original e dá lugar a uma expressão própria e singular. Esse revisionismo poético não é uma falha ou um obstáculo à criação, mas sim uma força que impulsiona o desenvolvimento da poesia ao longo do tempo.

Assim, a poesia moderna não apenas herda vozes do passado, mas as reinventa, reinterpreta, e distorce aquilo que já foi falado, expandindo os limites da linguagem e da criação artística. O legado dos poetas predecessores não ofusca ou bloqueia a criatividade dos poetas

que vêm depois, esse legado atua como um catalisador para novas interpretações e releituras de escritas já consagradas.

Aqui percorremos uma trajetória que vai da concepção tradicional e reflexiva da poesia até suas manifestações contemporâneas. Partimos do reconhecimento da poesia como uma forma de linguagem que transcende a estética para tocar o íntimo humano, provocando sentimentos, reflexões e ressignificações do cotidiano. Ao analisarmos a lírica moderna pela ótica de Friedrich, observamos como a fragmentação e o estranhamento tornam-se recursos expressivos e importantes para provocar o leitor e expandir os limites da experiência poética.

É interessante que os apontamentos introdutórios sobre poesia considerem sempre o autor do objeto dessa análise: a poesia inspiracional de Bessa. Embora próxima da linguagem cotidiana, essa poesia encontra respaldo nos princípios da escrita poética analisados por Jean Cohen, reafirmando que a elaboração estilística continua presente mesmo em produções mais acessíveis. Cabe dizer que esse ponto nos leva a refletir sobre como tradição e inovação se entrelaçam no trabalho de poetas contemporâneos. Tomemos o exemplo de Bessa, que reinterpreta e, muitas vezes, “distorce” seus predecessores, conforme sugerido por Harold Bloom, por meio de um processo criativo que vai além de uma mera homenagem ao passado. Esse processo revela-se como uma constante reinvenção, que confere voz ao presente e contribui para a construção da identidade desse novo autor.

Independentemente de sua forma, a poesia continua sendo um terreno fértil para a expressão artística, servindo de palco para o diálogo entre gerações e a construção de identidades. Fundada em elementos essenciais como: a musicalidade, as imagens e as ideias. A poesia se revela como uma força pulsante, capaz de inspirar e transformar tanto o íntimo quanto o coletivo, provocando, acolhendo e inspirando leitores e ouvintes a cada verso.

1.2 APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A LITERATURA DE CORDEL

Bráulio Bessa exprime não só no seu livro *Poesia que Transforma*, mas em todos os seus livros já publicados, uma clara inspiração proveniente da literatura de cordel e um estilo que, é possível dizer, que passeia pelos moldes da literatura de autoajuda moderna. Nota-se que Bessa transita por diferentes temáticas no decorrer de suas poesias, algo que por si só já é bem característico da literatura de cordel. Segundo Ivan Cavalcanti Proença (1982), “é imensa a diversificação que se encontra nos temas explorados pelo cordel. Torna-se extremamente difícil e temerário, tentar rígida classificação temática” (Proença, 1982, p. 37). Por esse pensamento, é

interessante, para o leitor apreciar a riqueza e a espontaneidade da literatura de cordel, não se prender a estruturas fechadas ou tentar enquadrar os cordéis em um viés rígido e limitante.

A literatura de cordel nordestina é entendida como um fenômeno da cultura popular que se consolidou com a ajuda do paraibano Leandro Gomes de Barros, um dos mais importantes nomes da literatura de cordel brasileira:

O “pai do cordel brasileiro”, cognominado em seu tempo o primeiro sem segundo, nasceu no sítio Melancia, município de Pombal (PB) em 19 de novembro de 1865, e morreu em Recife (PE) em 4 de março de 1918. Disputa com Pirauá o pioneirismo na publicação de histórias versadas em folhetos. Até os 15 anos viveu em Teixeira, um dos centros de poesia popular do Nordeste. Mudou-se depois para Pernambuco, vivendo inicialmente nas cidades de Vitória, Jaboatão e, por fim, no Recife. A maior parte dos biógrafos aponta o ano de 1889 como o marco inicial de sua atividade poética, o que é corroborado por uma estrofe de seu romance *A mulher roubada* (Haurélio, 2013, p. 62).

A temática dos cordéis de Leandro Gomes de Barros corrobora com o pensamento de Ivan Cavalcanti Proença, uma vez que aquele escrevia seus cordéis passeando por uma imensidão de temas, escrevia sobre o amor, questões sociais, lendas do sertão e outras temáticas distintas. Representava o sertanejo e a complexidade humana, e abordava os temas com precisão, profundidade e sensibilidade. Isso é um reflexo da riqueza cultural típica da literatura de cordel.

A pensar pela perspectiva da diversidade de temas, nota-se como estes folhetos de cordel, em muitos casos, dialogam com textos jornalísticos e acontecimentos que ecoaram na sociedade, em grandes ou pequenas proporções. Muitos desses folhetos também bebem dos clássicos da literatura brasileira, atuando como adaptações das grandes obras e, com isso, massificando as histórias consagradas da literatura. Para Proença (1982), a literatura de cordel depõe sobre uma “função terapêutica”, a catarse que, afinal, representam os folhetos, e sobre sua aproximação com os livros mais lidos de literatura “oficial”. A literatura de cordel age como uma literatura de evasão, servindo como uma fuga dos problemas do dia a dia: a massa inculta e pobre da sociedade é quem, historicamente, mais consumiu a literatura de cordel. Essa perspectiva enfatiza a relevância cultural e social dessa literatura, pois, além de servir como meio de entretenimento e alívio aos problemas cotidianos, contribui para a democratização do conhecimento e da literatura. Com isso, cabe dizer que os folhetos de cordel não só refletem a realidade e os interesses de um povo, mas também se constituem em importantes veículos de educação e conscientização popular.

Os autores da literatura de cordel bebem de diferentes fontes para proporcionar ao povo uma leitura rápida, prazerosa e até intrigante. Textos que informam, ao mesmo tempo que

entretém; textos que brincam com a sabedoria popular, ao mesmo tempo que passeiam pelo mundo fantasioso; textos que se adaptam de obras clássicas e também se inspiram em filmes famosos. Para Proença (1982), é interessante ressaltar que nem sempre os autores vão se inspirar nos livros originais; por vezes, é via cinema a inspiração. O cinema passa a ter um papel importante para os autores de folhetos, pois eles podiam capturar diversas narrativas que, em certos períodos, tornavam-se o foco das conversas populares, influenciando a criação de histórias que reverberam o cotidiano e os sonhos da sociedade. Com isso, os folhetos de cordel estão para além do entretenimento, pois são como um espelho cultural que reflete os sentimentos, tendências e realidades vividas pelo povo, fortalecendo a identidade cultural e promovendo a acessibilidade ao conhecimento e à arte:

“Joana D’Arc” e seus feitos atingem o sertão que apresentam na capa Ingrid Bergman, depois que se fez heroína em Hollywood. Sob esse aspecto, o cinema tem desvirtuado muito a pureza original dessa literatura. Hoje são inúmeros os folhetos inspirados em filmes famosos, desde “Joana D’Arc”, “O Pecado de Nina”, Sansão e Dalila”, até “O Ébrio”, de Vicente Celestino e Guilda de Abreu (Proença, 1982, p. 40).

Com isso, em alguns casos, o leitor não chegava a ter contato com o filme propriamente dito nas salas de cinema; tinha conhecimento da história do filme por meio dos cordéis, de forma reduzida, por vezes exagerada, ou mesmo uma visão única que fora produzida pelo cordelista. Na tentativa de reinterpretar a narrativa cinematográfica, o cordelista muitas vezes acrescentava elementos locais, adaptava personagens e enredos, moldando-os com o interesse do público. Os cordéis não só tratavam de difundir histórias populares, mas também criavam uma forma de arte que refletia a imaginação e a realidade do povo.

No Nordeste do Brasil, a tradição de criar composições poéticas populares é mais antiga que a publicação dos folhetos de cordel. Folcloristas do início do século documentaram que tais composições já eram recitadas oralmente em encontros de cantoria. O estilo distintivo dos folhetos de cordel começou a se formar nesses ambientes, bem antes da possibilidade de impressão dessas obras. Segundo Abreu (1993, p. 129), as cantorias nordestinas do século XIX e início do XX eram recitativos acompanhados por violas ou rabecas, nos quais os cantadores batiam-se em desafios e/ou apresentavam composições poéticas – glosas feitas a partir de um mote, descrições da natureza, sátiras, narrativas em versos etc. Essas *performances* podiam acontecer em quase qualquer lugar com audiência – mercados, fazendas ou engenhos, casas de família, e durante as festividades de São João, Natal e Ano Novo. Alguns cantadores ficavam em suas localidades, suas “ribeiras”, à espera de um rival. Outros viajavam pelo sertão, entoando versos de criação própria ou de terceiros, sozinhos ou em dupla. Se um cantador

estivesse solo e o público quisesse um desafio, chamava-se outro cantador para iniciar o duelo poético.

Para Andrade (2021), ainda não existe um consenso exato entre os pesquisadores a respeito do percurso histórico da “literatura de cordel”. Há várias versões acerca do desenvolvimento dessa literatura por todo o mundo. A ideia que é bastante aceita é a de que a literatura de cordel, tal como conhecemos hoje, encontra sua origem vinculada à cultura popular ibérica do século XVI, momento em que os romancistas do período renascentista passaram a difundir a impressão dos relatos que antes eram feitos oralmente pelos trovadores, portanto, pode-se dizer que a literatura de cordel tem suas raízes na tradição ancestral de narrativas orais que, com o tempo, foram transcritas e, mais tarde, amplamente disseminadas por meio da imprensa. Sousa (2017) diz que a literatura de cordel teve início no século XVII, em Portugal. O nome “Cordel” foi posto, porque, em Portugal, os livros eram expostos amarrados em cordões, estendidos em lojas, mercados populares e até mesmo nas ruas. No Brasil, o tom de humor presente nos cordéis contribuiu para que caíssem no gosto popular. O fato de os cordéis também abordarem assuntos do cotidiano corroborou para os folhetos caírem nas graças do público brasileiro. Andrade (2021) afirma que:

No Brasil, o cordel chegou em meados do século XVIII pelas mãos dos colonizadores portugueses, fixando-se na Bahia, mais precisamente em Salvador. Foi introduzida inicialmente como literatura colonial, onde trazia em suas histórias temas europeus e da metrópole portuguesa (Andrade, 2021, p. 25).

Já no Nordeste brasileiro esses textos passaram a fazer parte da vida dos cantadores conhecidos como repentistas, que tomavam posse dessa literatura e expressavam-na em suas cantorias.

A Literatura de Cordel emergiu como uma expressão das camadas populares da sociedade, refletindo as disparidades de classe. Esse gênero literário, caracterizado por seu público de origem humilde e muitas vezes marginalizado pela elite cultural, passou a elaborar obras que contemplavam uma crítica social e uma reflexão profunda sobre a realidade circundante. Tal movimento ganhou força especialmente no Nordeste do Brasil, uma região historicamente menos favorecida, tanto social, quanto economicamente em relação a outras áreas do país. Por meio desses folhetos baratos e acessíveis, os cordelistas tratavam de denunciar as desigualdades e injustiças que afetavam principalmente as camadas populares. A exploração trabalhista e a violência estatal se faziam sempre presentes nas produções dos cordelistas, e apareciam em forma de crítica às dificuldades enfrentadas pelos mais pobres.

É possível dizer que a literatura de cordel pode servir como um instrumento de

transformação social. Através de uma linguagem simples, que objetiva uma fácil compreensão dos textos, os cordéis agem como um gerador de reflexões acerca de diversos temas, principalmente os supracitados.

Cavalcanti Proença (1982) aborda a crítica social dos cordéis. Isso é perceptível quando os folhetos apresentam aos leitores as disparidades sociais e acontecimentos policiais, pois, além de serem elementos do cotidiano da população, chamam a atenção do público já nos títulos dos cordéis:

Mas esses folhetos circunstanciais têm muita aceitação. Não há crime, desastre ou desgraça, pública ou privada, que não rebente logo num ou em muitos folhetos: “O monstruoso crime da Madalena: a mulher que matou o marido a golpes de machado”, “O desastre do Trem de Peri-Peri”, O Naufrágio do Vapor Uberaba”, “O Pai que forçou a filha na sexta-feira da Paixão...”. E por que não o rapto misterioso do filho de Lindbergh? (Proença, 1982, p. 43-44).

Títulos como esses apresentados por Proença (1982) ilustram como a literatura de cordel se utiliza dos temas do cotidiano, o que gera interesse e identificação por parte dos leitores. As questões sociais são trazidas por meio de uma abordagem direta e muitas vezes dramática nos folhetos, e isso cria um ambiente propício para tratar dessas questões e faz com que elas sejam bastante discutidas nas camadas populares.

Cabe dizer que os folhetos não se restringiam somente a acontecimentos policiais. Proença (1982) fala que as revoluções, as campanhas eleitorais, os acontecimentos políticos e a própria luta ideológica inspiraram inúmeros folhetos de cordel. É possível dizer que a literatura de cordel atuava de forma ativa e crítica na sociedade. Os cordelistas têm uma capacidade ímpar de captar a essência dos eventos políticos e sociais e colocar isso em seus versos, e isso contribui fortemente para que a opinião pública passe a ter um senso de consciência coletiva. Com isso, é possível dizer que os leitores dos cordéis desenvolviam um senso político e crítico, o que contribuía para a insatisfação da população frente aos problemas sociais enfrentados cotidianamente.

Como abordado no início deste capítulo, diversas são as temáticas provenientes da literatura de cordel, e grandes autores se consolidaram por meio deste gênero. Ao tratar de literatura de cordel falando principalmente do Nordeste, da vida no campo e da simplicidade presente em sua poesia “matuta”, Patativa do Assaré é um dos mais importantes autores, quando pensamos por este viés. Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, de origem humilde, caboclo da roça, traz em seus versos a simplicidade da vida no interior do Ceará.

A poesia “matuta” é um estilo de poesia que tem raízes na cultura popular interiorana

rural, e que captura na escrita e na fala do interior seu estilo. Com linguagem simples e direta e repleta de expressões regionais e vocabulário típico do interior, a poesia “matuta” não se ocupa em seguir fielmente os padrões da norma culta da língua portuguesa, é um tipo de poesia que vai ao encontro do que é falado no dia a dia, do que é falado na informalidade, principalmente do linguajar interiorano. A distinção entre a literatura de cordel e a poesia matuta pode ser observada na estrutura, rima, foco narrativo etc. Enquanto na literatura de cordel temos estruturas rígidas, rima e métrica, narrativas históricas folclóricas e críticas sociais, a poesia “matuta” tem uma estrutura mais livre, linguagem coloquial, narrativas com foco na vida cotidiana e em experiências pessoais. Não sendo esses aspectos tidos como regras, a variabilidade se faz presente em todos eles. Tais distinções e também semelhanças são percebidas à primeira vista como quando lemos um cordel de Leandro Gomes de Barros e quando lemos uma poesia “matuta” de Patativa do Assaré.

Para Marco Haurélio (2013), Patativa do Assaré é melhor identificado pela sua poesia “matuta”, especialmente por ele encarnar ou ser tomado como modelo do poeta sertanejo autêntico. Desenvolveu sua arte principalmente através do repente, autor que inspirou Bráulio Bessa desde o início de sua trajetória como poeta. Pinheiro (2006, p. 41) ressalta que Patativa do Assaré fez de sua poesia uma reflexão coerente das dificuldades que um homem camponês enfrenta para sobreviver, revelando, assim, preocupações com as questões sociais. Foi com essa postura de abordar as temáticas de caráter social, que o autor permaneceu no imaginário das pessoas. O poeta tinha um senso crítico bem afiado quando se referia, em seus poemas, aos problemas sociais que a comunidade nordestina enfrentava diariamente. Todo o reconhecimento que o autor obteve não ofuscou o olhar preciso e crítico que o mesmo tinha acerca das problemáticas enfrentadas pelos nordestinos.

Um ponto pertinente a esta pesquisa é entender que o autor a ser analisado constrói seus poemas bebendo muito da fonte da literatura de cordel, o que ele mesmo não nega, e expressa a inspiração na poesia “matuta” de Patativa do Assaré para construir seus versos. Mas isso não faz com que a poesia de Bessa seja categorizada como poesia matuta. Por mais que Bráulio Bessa tenha Patativa do Assaré como sua maior inspiração, devido à forte identificação com ele e ao seu primeiro contato com a poesia por meio de sua obra, seu livro *Poesia que Transforma* se desenvolve seguindo um viés inspiracional. Diferente da poesia matuta de Patativa do Assaré, marcada por um forte engajamento social, político e pela denúncia das injustiças sofridas pelo povo nordestino, Bessa adota uma abordagem mais voltada ao autoconhecimento, à superação pessoal e à motivação. Enquanto Patativa elevava a voz do sertanejo como resistência e crítica, Bessa utiliza a linguagem popular como ferramenta de

acolhimento, cura e incentivo, aproximando-se mais de um tom reflexivo e esperançoso do que combativo.

Patativa utilizava em seus poemas a linguagem “matuta” repleta de coloquialidade como forma de se aproximar mais de seus leitores. Essa linguagem servia como ponto de identificação entre o autor e seu público, trazendo palavras ditas como “erradas” para a língua portuguesa, mas que criavam um vínculo com seus leitores. Nogueira (2017) ressalta que na obra do poeta de Assaré há uma forte presença do socialismo cristão e uma constante oposição entre o caboclo e o doutor. Tais características também são verificadas na tradição dos folhetos.

A Literatura de Cordel, no seu auge, tinha muitas funções: a de informar, a de entreter ou até a de reverberar assuntos que estavam em alta. Tinha, portanto, uma função social, capaz de causar reflexão e dialogar com a sociedade.

Muitos são os aspectos que tornam o cordel um grito para a cultura popular brasileira. Os cordéis funcionam como um complemento daqueles que têm uma vida sofrida. Esta arte transita pelos menos afortunados e gera reflexão, seja pelo conteúdo dos cordéis, pelo próprio valor representativo que a arte da literatura de cordel ocupa. No artigo O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis, Gaudêncio e Borba (2010) falam sobre a propagação dos folhetos de cordel no Nordeste brasileiro:

O cordel se enraíza no nordeste brasileiro em função de diversos aspectos, respectivamente: A questão étnica, que é de grande relevância desde a mais tenra idade da colonização brasileira; a falta de acesso ao conhecimento registrado, deixado apenas para os senhores de engenho, os coronéis, políticos e seus familiares; de haver neste nordeste, marcado pela seca, um ambiente basicamente ruralista, onde a forma e maneira de produzir passavam diretamente por uma cultura de subsistência humana; havia neste espaço situações marcadas por um forte messianismo; um patriarquismo ortodoxo; as peripécias do cangaço; do assistencialismo político, em especial com a indústria da seca. Desta maneira, o cordel não só, torna-se um grande instrumento de apoio e de grito para a cultura popular brasileira, mas, é visto como o refúgio, o aporte, o complemento para uma vida sofrida de mãos calejadas pela “lida” camponesa (Gaudêncio; Borba, 2010, p. 2).

O cordel, além de fazer parte da vivência dos seus leitores, também passou a ser símbolo dessa região. Os folhetos traduzem e transmitem a vivência do pobre, do ruralista, do sertanejo, do campesino, trazendo uma linguagem acessível. A forma não complicada da linguagem da literatura de cordel, além de gerar uma aproximação com o leitor, também consegue ser um fator de encontro com novos públicos. Segundo Chiaradia (2020):

De fato, a literatura de cordel busca trazer um linguajar descomplicado, eu diria que “coletivo” para se fazer entender entre as pessoas mais humildes, mas eu diria que essa é uma ‘técnica’ para conseguir dialogar com todos os públicos e, então, atingir o objetivo do folheto (Chiaradia, 2020, p. 33).

A literatura de cordel pode desempenhar diferentes papéis, indo além da função de entreter. Com o tempo, os poetas passaram a entender que a literatura de cordel poderia exercer funções políticas, sociais e econômicas. Portanto, é notória a relação da literatura de cordel com o contexto social, pois a arte do cordel também exprimia as insatisfações dos autores, com o que a sociedade causava neles.

Os poetas de cordel faziam ecoar as vozes das comunidades marginalizadas, pois em seus poemas abordavam principalmente as injustiças e não economizavam em críticas destinadas às autoridades. Os cordéis serviam como uma forma de educação popular, disseminando conhecimento e conscientização para os mais pobres e que não tinham acesso a fontes dignas de informação.

Bráulio Bessa, embora herdeiro dessa tradição, redireciona o propósito do cordel em sua obra. Em vez de utilizar a poesia como ferramenta de denúncia, como faziam muitos cordelistas clássicos, ele a transforma em instrumento de inspiração e acolhimento. Assim, mantém viva a força da linguagem popular, mas a serviço de uma poética voltada ao afeto, à esperança e à transformação pessoal, uma nova forma de resistência, mais subjetiva e emocional, ainda que profundamente enraizada na vivência nordestina.

Por mais que a poesia de Bessa siga esse viés inspiracional, é possível dizer que ele adota o tom da crítica em alguns momentos. Diferentemente do estilo direto de Patativa do Assaré, Bessa opta por uma abordagem mais delicada e sensível em suas críticas, que frequentemente se revela por meio de reflexões sobre empatia, preconceito, desigualdade e intolerância. Seu discurso não busca o confronto explícito, busca uma provocação sutil e consciente, capaz de instigar o leitor a pensar sobre questões sociais profundas.

1.3 APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A LITERATURA DE AUTOAJUDA

Bráulio Bessa em sua poesia inspiracional, além de se guiar pelo estilo da literatura de cordel, também bebe da fonte da “literatura de autoajuda”, um tipo de literatura que vem ganhando força e notoriedade nos dias atuais e que é constantemente consumida por diferentes públicos.

O que chama a atenção, ao analisar as críticas de alguns autores acerca da literatura de autoajuda, são as diferentes opiniões e olhares que os autores têm para com essa literatura. Na perspectiva de entender mais sobre o que seria a literatura de autoajuda, Francisco Rüdiger diz que:

A literatura de autoajuda representa expressão textual de um conjunto de práticas engendrado pela cultura popular anglo-saxônica, que se transplantou para toda a parte onde a moderna indústria da cultura revolucionou o modo de vida, transformando-se com o tempo, em uma verdadeira categoria cultural da baixa modernidade. O fenômeno refere-se, em resumo, ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar, e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intramundana (Rüdiger, 2010, p. 1).

É como se essa literatura focasse no “eu”, trabalhando a subjetividade de cada um, visando ao progresso, constância, melhoramento físico e intelectual, fuga de problemas relacionados à saúde mental, entre outros. O “eu” trabalhado pela literatura de autoajuda busca atingir um aprimoramento das funções do ser humano enquanto cidadão, trabalhador, pai, mãe, liderança e até mesmo investidor. Rüdiger (2010), diz que a literatura de autoajuda é o conjunto de relatos, manuais de textos, às vezes multimídia, que ensina como conduzir a vida. Essa literatura também atua como uma espécie de alternativa para alguém sair da depressão, se relacionar com pessoas, parar de fumar, exercitar a sexualidade, perder peso e, uma vertente que está cada vez mais em evidência, prosperar financeiramente. A literatura de autoajuda atua como um tipo de programação de conduta, que passa a interagir com o comportamento das pessoas, podendo disciplinar os leitores a mudar seus comportamentos seguindo diretrizes específicas e com foco em resultados.

Ieda Tucherman (2012) fala sobre o quão interessante é a literatura de autoajuda para os pesquisadores de comunicação. Ela ressalta que é impressionante a quantidade de material que ultimamente está sendo produzido referente a esta literatura no Brasil e no mundo, contagiando gêneros literários e conquistando cada vez mais espaço no audiovisual, onde gera comportamentos e influencia pessoas de diversas camadas sociais.

Tucherman (2012. p. 322) diz que “esta vertente pragmática, filha de um momento capitalista, o liberalismo, vai ser competente para associar-se também a modelos de gestão, o que seria contraditório se olhássemos a vida como dividida em preto e branco”. Com isso surge o questionamento de como algo que foi criado para fortalecer os indivíduos e ir contra as instituições pode ter sido apropriado pelas empresas e instituições? Este é um movimento contrário ao que se espera de algo dessa natureza: as grandes instituições e empresas viram no fenômeno da autoajuda uma oportunidade de conduzir comportamentos e faturar com isso.

O livro *Poesia que Transforma* de Bessa, já a partir de seu título, propõe uma transformação, o que nos leva a refletir sobre qual transformação seria essa. A partir disso, podemos pensar na literatura através de suas funções. Reis (2013), em seus estudos sobre a literatura, diz que:

A possibilidade de caracterizarmos o fenômeno literário de um ponto de vista sociocultural decorre, em primeira instância, de uma conexão da literatura como prática constituída e defendida em função de critérios sociais. Para além disso – e até, de um ponto de vista histórico, antes disso –, a literatura pode ser entendida como instrumento de intervenção social (Reis, 2013, p. 31).

O que nos faz pensar a literatura como um instrumento de transformação social, podendo intervir direta ou indiretamente na vida das pessoas. Para algumas teorias, como a de Platão, por exemplo, essa função da literatura só era legitimada à medida que o poeta pudesse prestar algum serviço à comunidade. A literatura tinha por obrigatoriedade uma função atrelada ao social.

Existe uma discussão acerca da práxis social entre a poesia e a prosa narrativa. A prosa, por sua clareza e acessibilidade, possui um maior poder de mobilização e engajamento social, enquanto a poesia pode muitas vezes ser mais focada na estética da linguagem. A prosa tende a ter uma comunicação mais direta com o público, se tornando uma ferramenta mais potente para a prática social. Essa discussão se compromete a julgar qual consegue ser mais eficaz na comunicação com o público. Reis (2013) discorre sobre isso trazendo o pensamento de Jean-Paul Sartre (1905-1980). A distinção entre poesia e prosa está mais relacionada às potencialidades cognitivas e de representação do discurso literário. A prosa ao ser comparada com a poesia tem um maior potencial militante e de efetiva comunicação com o público, Reis exemplifica isso quando diz:

O romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos representa a miséria social e humana de uma família nordestina brasileira que foge à seca; assim sendo, as pungentes situações descritas e as personagens degradadas que as vivem são facilmente entendidas como denúncia, através da literatura e de forma ideologicamente ativa, de condições de vida deprimentes (Reis, 2013, p. 33).

As denúncias feitas pelo autor em *Vidas Secas*, pelo modo como se articula a prosa narrativa, são mais precisamente entendidas do que as denúncias feitas pelas poesias, que podem ter um campo maior de interpretações, o que não invalida a poesia como uma grande ferramenta de militância. As denúncias feitas em *Vidas Secas* são mais facilmente compreendidas devido à forma como a prosa narrativa é articulada. A narrativa detalhada e descritiva viabiliza uma comunicação mais direta e objetiva das injustiças sociais enfrentadas pelos nordestinos. Em contraste, a poesia, com sua linguagem figurativa simbólica, pode oferecer um campo maior de interpretações, dependendo da leitura de cada indivíduo. No entanto, isso não diminui a eficácia da poesia, sendo essa capaz de sensibilizar o público de diversas maneiras.

Estudar uma obra como a de Bráulio Bessa é também ter que enveredar por caminhos que proporcionem entender mais sobre a literatura, sobre suas funções, seus direcionamentos, suas representações etc. É importante perceber que em alguns momentos a literatura através de suas

funções político-sociais, catárticas, cognitivas ou estéticas, é um importante instrumento de comunicação na sociedade. A literatura pode agir como um importante transformador social, pois muitos escritores utilizam a literatura para fazer suas críticas à sociedade. A função catártica diz respeito aos sentimentos que são provocados pela literatura, podendo esses sentimentos terem grandes variações a depender do gênero e do tipo de texto que o leitor esteja consumindo. Cognitivamente, a literatura também tem a função de informar. O processamento das informações é feito através da leitura, fazendo com que o leitor adquira novos saberes.

Quando analisamos a relação da literatura com as pessoas e das pessoas com a literatura, é possível dizer que ambas se conectam. Eagleton (2006) fala que a “literatura” pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas. O que um escritor produz, plasma o meio social, assim como o meio social também plasma a literatura.

Eagleton (2006) entende a literatura como discurso não pragmático. Para ele, a literatura não é algo que sirva para resolver um problema de imediato, o que a distancia dos manuais de biologia e dos recados deixados ao leiteiro. Ressalta-se que o valor verídico e a relevância prática do que é dito pelos autores se fazem importantes para efeito geral:

Mesmo considerando que o discurso “não pragmático” é parte do que se entende por “literatura”, segue-se dessa “definição o fato de a literatura não poder ser, de fato, definida “objetivamente”. A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido (Eagleton, 2006, p. 12).

Existem textos que se propõem nitidamente a serem não pragmáticos; porém, pode ocorrer de esses textos serem lidos por outra perspectiva, passando a ter outro tipo de valor de acordo com a leitura feita.

Ao refletir sobre isso, surgem também questões voltadas à classificação de textos, considerando-os literários ou não literários. Essa discussão também se estende à produção do texto. Ainda sobre a perspectiva de Eagleton (2006), cabe dizer que um texto pode iniciar sua trajetória como uma obra de história ou filosofia e, com o tempo, ser reclassificado como literatura. Da mesma forma, um texto que começa como literatura pode ganhar valor por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, outros alcançam essa condição ao longo do tempo, e há aqueles cuja classificação literária é atribuída posteriormente. Portanto, o nascimento do texto pode se tornar de menor relevância em comparação ao modo como as pessoas recebem esse texto. Os textos que não nascem literários e não sofrem uma atribuição dessa condição, são os que atingem a condição de literários com o passar do tempo e das diferentes leituras feitas por diferentes públicos. Esses textos são os que ganham valor e reconhecimento através do tempo e

das variadas formas de leitura, podendo esse ser o caso das obras de autoajuda, pois se trata de obras com um grande valor comercial, mas que sofrem preconceito no meio acadêmico, o que nos leva acreditar que sejam obras consideradas de menor valor literário.

Um ponto interessante a se destacar é sobre a alta valorização da “literatura”. Existe uma supervalorização dos textos que são considerados como textos literários. Eagleton (2006) exemplifica isso quando argumenta que a literatura funciona como a palavra “mato”:

[...] o mato não é um tipo específico de planta, mas qualquer planta que, por uma razão ou por outra, o jardineiro não quer no seu jardim. “Literatura” talvez signifique exatamente o oposto: qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada (Eagleton, 2006, p. 14).

Eagleton (2006) propõe uma visão provocativa acerca da valorização da literatura. Diz que o conceito de “literatura” é fluido e determinado pelo valor social atribuído aos textos. Utilizando a analogia de “mato”, ele sugere que assim como qualquer planta pode ser considerada mato se o jardineiro não a quiser no jardim, qualquer texto pode ser considerado literatura se for altamente valorizado. Com isso, ele quer dizer que a valorização literária é subjetiva e influenciada por contextos históricos e culturais. O que é valorizado como literatura pode sofrer variações ao longo do tempo, dependendo dos valores e prioridades da sociedade.

Os estudos de Compagnon (2009) também são voltados às funções da literatura. O poder clássico é originado da Antiguidade, quando a literatura era vista como forma de instrução e deleite, e que combinava aprendizado e prazer. Compagnon trata também da literatura como poder romântico, oriunda do iluminismo. Aqui a literatura é vista como uma ferramenta libertadora e de emancipação crítica, libertando os leitores da ignorância e do conhecimento direcionado. O poder moderno trazido por Compagnon reflete a literatura como um refinador da expressividade. A literatura é vista por sua capacidade de refinar e ampliar o vocabulário dos leitores. Por último, Compagnon traz a reflexão da literatura no poder pós-moderno, que se assemelha com a visão de Eagleton. No poder pós-moderno, Compagnon questiona sobre a utilidade prática da literatura, defendendo a ideia de que a literatura não precisa ter uma função específica para se consolidar como arte literária:

O que dizer hoje dos três poderes positivos da literatura – clássico, romântico e moderno, bem como do seu quarto poder – pós-moderno, pode-se dizer –, o do impoder sagrado? Não chegou o momento de se passar do descrédito à restauração e da renegação à afirmação? Mas pode-se consertar o que tinha por ofício consertar? A literatura do século XX colocou em cena seu fim em um longo suicídio faustoso, pois se desejava-se abolí-la, era porque ela ainda existia demais (Compagnon, 2009, p. 44).

A literatura atravessou várias fases ao longo dos séculos. Sua definição e sua valoração já

foram categorizadas por diversos pensadores ao longo do tempo. A forma como entendemos literatura é discutida até os dias de hoje, assim como suas funções, considerando-se a literatura como objeto estético, de valor representativo social, dentre muitas possibilidades tangíveis ao que poderia ser literatura.

Muitos são os fatores que podem ou não caracterizar uma obra como literária, o que a coloca em um lugar de valorização. Quanto à desvalorização da obra *Poesia que Transforma*, pode-se dizer que isso esteja atrelado a alguns fatores, como o de ser uma obra de origem regional, percebe-se que muitas obras de origem popular sofrem preconceito, o que as descredibiliza enquanto obras de grande valor literário.

A popularidade na mídia do autor também é um fator que contribui para essa desvalorização. Bráulio Bessa se tornou uma figura popular na televisão, lugar onde declamava suas poesias. Isso contribuiu para uma desvalorização dos textos do autor, principalmente no meio acadêmico, pelo fato de Bessa não ser um autor inacessível e de difícil contato. Ainda existe uma valorização do que é considerado “inatingível” ou “intocável”, o que não aconteceu com Bráulio Bessa, por ser uma figura sempre presente nas mídias.

Outro fator que pode reforçar o preconceito em relação à obra de Bessa é que suas obras se enquadram, de certa forma, numa literatura de autoajuda, que é uma categoria literária vista como uma literatura menor. Os textos pertencentes a essa categoria, em muitos casos, são discriminados por objetivarem o lucro, fazendo com que sejam vistos como um campo literário descredibilizado.

É importante ter em mente que a literatura de autoajuda se propõe a ajudar em diversos campos da vida do homem. No caso de Bráulio Bessa, em *Poesia que Transforma*, podemos entender essa ajuda como um processo de transformação pessoal, ou como transformação de vida das pessoas. Também é possível inferir que o autor utiliza a poesia como uma arma contra o preconceito, promovendo a empatia e maiores reflexões acerca do tema. Assim, a poesia de Bessa parece não se propor somente a tocar o coração dos leitores, mas também instiga a reflexão e a mudança social, mostrando o poder da poesia em criar um impacto positivo na sociedade.

Os autores escrevem livros nesse viés, o público consome, e os comportamentos humanos vão se alterando com o passar do tempo; com isso, a demanda de uma maior quantidade de materiais de autoajuda é produzida e disseminada nas massas. A cultura de massa é explorada por Morin (2002), que analisa como os produtos culturais se adaptam e se moldam aos desejos e necessidades das pessoas. Assim é criado um ciclo contínuo de produção e consumo. Morin ressalta que tal dinâmica pode influenciar também como os indivíduos interagem com o mundo ao seu redor, causando uma perpetuação de valores, que pode tanto

empoderar, quanto limitar a autonomia individual dos sujeitos:

O termo cultura de massa, como os termos sociedade industrial ou sociedade de massa (*mass-society*) do qual ele é o equivalente cultural, privilegia excessivamente um dos núcleos da vida social; as sociedades modernas podem ser consideradas não só industriais e maciças, mas também, técnicas burocráticas, capitalistas, de classes, burguesas, individualistas (Morin, 2002, p. 14).

As massas podem ser descritas como um conglomerado gigantesco de indivíduos predispostos ao consumo. Morin (2002, p. 14) diz que “uma cultura orienta, desenvolve, domestica certas virtualidades humanas, mas inibe ou proíbe outras”. Seguindo a perspectiva de Morin, cabe dizer que a cultura de massa se engendra nos fatores determinantes do que seja cultura e constitui um conjunto de símbolos, imagens e mitos da vida, prática ou imaginária. É um sistema de projeções e de identificações que se acrescenta à cultura nacional, humanística, religiosa e entra em concorrência com outras culturas. Pode-se dizer que a cultura de massa faz parte de uma realidade policultural e que pode ser controlada ou censurada pelo Estado, pela Igreja e demais grandes forças que consigam se sobrepor as classes pertencentes a essa cultura. Com isso são perceptíveis na sociedade atual mudanças de comportamento das pessoas frente a novas condutas nutridas pela literatura de autoajuda.

Tal fenômeno, evidencia como a literatura de autoajuda consegue de forma significativa exercer influência, moldando valores e comportamentos, e fazendo parte do mundo que se encontra em constante transformação, atuando como ferramenta de adaptação e sobrevivência. Por meio disso, podemos pensar como as forças culturais dominantes usam essas condutas direcionadas pela autoajuda para controlar as dinâmicas sociais, reforçando ideias individualistas e de sucesso pessoal que se fazem muito presentes na sociedade atual.

É interessante pensar as sociedades modernas numa perspectiva policultural. Essas culturas se conectam diretamente com as relações de poder. As novas condutas vendidas pela autoajuda moderna fazem parte do conjunto de comportamentos que as classes dominantes anseiam que a massa tenha. “Morin, (2002, p. 18) fala que “antes de perguntarmos se a cultura de massa é na realidade como a vê o culto, é preciso nos perguntarmos se os valores da ‘alta cultura’ não são dogmáticos, formais, mitificados”. Há pessoas que se acham isentas das condutas que são impostas, quando, na verdade, também fazem parte, de certa forma, das massas. A literatura de autoajuda contribui diretamente para a construção dessas condutas, levando as massas a comportamentos que fazem parte de interesses implícitos.

Um exemplo que pode facilitar o entendimento é o de uma pessoa que pretende emagrecer e encontra na literatura de autoajuda aconselhamentos e motivações para mudar seu estilo de vida. Com isso, nota-se que esse estilo de literatura se torna algo que é voltado ao

capital, e não só pelo aumento da demanda de mais materiais de autoajuda. Essa pessoa que está acima do peso e busca melhorias em seu corpo tende a procurar profissionais da nutrição, academia, suplementação e roupas adequadas para exercícios, podendo passar também a pagar algum programa de emagrecimento, entre outras inúmeras possibilidades que envolvem capital. Essa busca por um novo estilo de vida impulsiona uma cadeia de consumo que vai além dos livros de autoajuda, abrangendo diversos setores da economia. Isso nos faz refletir acerca do real propósito de alguns autores que se dedicam a escrever e produzir materiais de autoajuda.

É relevante considerar o potencial comercial que a literatura de autoajuda tem, que nos leva a refletir sobre as reais intenções de alguns autores, que, ao escreverem um livro de autoajuda, podem estar visando implicitamente ao lucro e não efetivamente a ajudar as pessoas.

Rüdiger (2010) entende que o progresso da cultura moderna se revela significativo pois o surgimento de diferentes movimentos que, combinados com a expansão do mercado de bens culturais que ocorria no século XXI, terminam transformando as práticas de si em fenômeno de cultura de massa. Entende-se que os comportamentos ensejados pela literatura de autoajuda contribuem para a consolidação de uma nova cultura, que faz a sociedade agir de forma distinta, muitas vezes nessa supervalorização do “eu”. A literatura de autoajuda promove essa mudança focada no “eu”, sendo o “eu” em sociedade ou o “eu” individual, em que a busca pelo crescimento pessoal e pela autorrealização se torna prioridade. O foco no individualismo mudou de forma significativa o comportamento social, partindo para uma supervalorização do “eu” e impactando a maneira como a sociedade age e se entende, levando a uma transformação nas relações sociais e nas percepções de comunidade.

É possível dizer que a literatura de autoajuda tem duas faces: por um lado, o indivíduo é incentivado a buscar melhorias pessoais; por outro, isso pode resultar em uma exagerada busca por realização pessoal. Cabe dizer que a cultura de massa e a literatura de autoajuda se interrelacionam. Elas redefinem valores e comportamentos de acordo com as demandas e expectativas da sociedade, que a cada dia está mais voltada ao consumo desenfreado.

Há uma relação entre a autoajuda e algumas modalidades psicoterápicas, nas quais é explorada a proximidade do autor sobre o leitor, algo que é metodologicamente utilizado por algumas psicoterapias que vão ao encontro de vieses aconselhadores, orientadores e direcionadores. Pereira e Souza (2018) falam sobre isso:

Repleto de orientações diretas, o conteúdo dos livros de autoajuda remonta a uma relação mista de autoridade e proximidade do autor sobre o leitor, de forma muito semelhante ao *modus operandi* das modalidades psicoterápicas que utilizam técnicas como hipnose e a sugestão. Também oriundas do *zeitgeist* da segunda metade do século XIX, essas psicoterapias estavam erigidas sobre os mesmos valores e

necessidades subjetivas de orientação e direcionamento que impulsionam a ascensão da literatura de autoajuda à época (Pereira e Souza, 2018, p. 168).

É possível dizer que a dinâmica hierárquica entre terapeuta e paciente também ocorre na relação entre autor e leitor na literatura de autoajuda, já que existe o fomento de ideias por meio das sugestões e aconselhamentos. O interessante disso é que essa relação hierárquica muitas vezes não é percebida pelo leitor. O poder exercido pela literatura de autoajuda na vida desses leitores passa a ser preponderante, fazendo com que o leitor adote tais direcionamentos como estilo de vida. Talvez este seja um dos fatores que contribuam para que a autoajuda não seja vista com bons olhos.

Cada vez mais os indivíduos passam a ser cobrados pela sua aparência, produtividade e boa relação com os demais, ou seja, como um indivíduo ativo no campo do trabalho ou nas relações interpessoais. A literatura de autoajuda vem ao encontro desses anseios, agindo de forma positiva na vida dessas pessoas. Os leitores encontram na literatura de autoajuda ferramentas valiosas que prometem causar uma transformação na vida dos leitores, trabalhando diversas ideias e aconselhamentos, dentre eles, o esclarecimento ao leitor de que ele não é só mais um. É comum ver nos livros de autoajuda uma certa provocação inicial ao leitor para que ele se veja como um sujeito de valor e que não se conforme com pouco. Tal provocação pode ser feita direcionada ao corpo e a como esse leitor trata sua saúde, à posição do leitor no ambiente de trabalho, à sua relação com os estudos e à sua produtividade, ou mesmo, como esse leitor é enquanto filho, marido, esposa, pai, mãe etc.

É comum na literatura de autoajuda provocações ao leitor que podem gerar uma série de questionamentos, e tais questionamentos levam o leitor a refletir sobre o seu “eu” e como este “eu” em algum aspecto da vida individual e cotidiana pode ser melhor. E através dos direcionamentos a autoajuda se propõe a contribuir de forma significativamente positiva na vida desses leitores.

Existe um preconceito em relação às obras de autoajuda por não serem textos considerados de grande valor artístico. São livros que são julgados de forma pejorativa até pela capa e pelo título. Livros que geralmente são mais baratos e podem ser encontrados em lugares como aeroportos e lojinhas. Por mais que sejam muito consumidos e gerem bastante lucro aos criadores, são livros considerados pela academia como uma “literatura menor” ou de menor valor artístico. Possivelmente, essa resistência para com a literatura de autoajuda seja proveniente de uma visão elitista da cultura, que prioriza a valorização do estilo e da complexidade de uma obra mais do que a utilidade e acessibilidade dela.

Bráulio Bessa faz parte dessa literatura de autoajuda e sofre com as atribuições

negativas que tangem essa literatura. Em seus poemas, podemos perceber o *modus operandi* do autor, considerando a valorização do “eu”: do “eu” em confronto com seus sentimentos e do “eu” em sua relação com a sociedade. O autor utiliza um diálogo simples e que ao mesmo tempo é profundo, provocando mudanças e encorajando a autoaceitação. Os escritos de Bessa trazem uma abordagem motivacional e podem ser associados à literatura de autoajuda, mas, ao mesmo tempo, não se pode afirmar confortavelmente que sua obra se enquadre em uma autoajuda voltada única e exclusivamente ao lucro. É como se o autor se encontrasse no meio do caminho disso tudo, o que é perceptível em sua obra na diversidade de temáticas presentes em seus poemas e por meio do conteúdo de alguns poemas que não se encaixam em perspectivas orientadoras, direcionadoras e aconselhadoras.

CAPÍTULO 2

A POESIA COMO NECESSIDADE E TRANSFORMAÇÃO PRÓPRIAS

2.1 A POESIA COMO UMA NECESSIDADE PESSOAL (UM DOM)

A poesia pode ter um grande impacto em nossas vidas. Ela funciona como um veículo em que as expressões criativas são capazes de chegar a lugares bem particulares de cada indivíduo. Para muitas pessoas, produzir poesia está para além de um simples passatempo. É uma forma de sobrevivência emocional, um meio de encontrar sentido e beleza nas palavras e contar histórias por meio delas. Os poemas aqui selecionados para análise conversam com essa necessidade ou dom que o autor sente. O seu fazer poético é a ponte direta entre a sua necessidade individual de se expressar e como ele entende a poesia.

Em *Poesia que Transforma*, é possível perceber como Bráulio Bessa considera a poesia algo transformador em sua vida. Ele escreve sobre como descobriu seu talento poético e como usou isso para superar desafios e tocar o coração das pessoas. Exemplo disso é um de seus poemas mais conhecidos, chamado “Recomece”, que trata sobre a possibilidade de sempre existir uma chance para se recomeçar, é uma mensagem otimista de renovação, mudança, resiliência e coragem. Em *Poesia que Transforma*, Bessa fala sobre a escrita desse poema também como uma necessidade pessoal:

Pra mim, é uma grande Felicidade ter tido a chance de escrever este poema e saber que ele chegou a tanta gente. Acho que, dos meus poemas, este foi o que mais ajudou as pessoas, o que mais serviu. Acredito que minha missão é servir, e “Recomece” é um símbolo disso. E ele me ajudou também. Confesso que, quando está doendo em mim, eu também me abraço com esse poema. Gosto de comparar a poesia a um abraço, que consegue fazer um carinho na alma sem nem saber qual é a dor que você está sentindo. A poesia se adapta à sua dor. É um abraço cego e despretenso, como quem diz: “Venha! Tá doendo? Pois deixe eu dar um arrocho, que vai lhe fazer bem” (Bessa, 2018, p. 20).

O autor abraça suas próprias palavras e reconhece sua vulnerabilidade, dando a entender que, para ele, a poesia é uma necessidade, não só para tocar o coração de quem lê, mas para tentar curar as próprias feridas. O poeta que se despe em versos e expõe sua fragilidade está revelando que a poesia está para além de um simples ofício. Trata-se de um ato de se conectar com sua própria essência e que, de forma terapêutica, transforma a dor em palavras e versos, que servem como bálsamo para suas feridas. É uma jornada interna que envolve superação e renovação.

Bessa une sua habilidade poética a uma perspectiva acolhedora e inspiradora diante

dos desafios da vida, revelando como a poesia pode atuar como uma fonte de orientação e consolo em momentos difíceis. Para Bessa, a poesia transcende a simples escrita; ela é um gesto de resistência, um elo com suas origens e uma poderosa fonte de motivação.

É possível dizer que este autor enxerga o seu fazer poético como um verdadeiro dom, algo intrínseco à sua essência e que está conectado às suas raízes e vivências. Para Bessa, escrever poesia é uma missão que lhe foi dada com o objetivo de tocar o coração das pessoas. Bessa (2018, p. 34) fala que colocou na cabeça que queria ser poeta, mas não sabia se tinha tal dom. Sabia que tinha sentimento e vontade e dizia que essa vontade era um dom. O autor entende sua poesia como algo que é carregado de propósito. Em sua escrita, aborda questões pessoais, sociais e culturais, o que reforça sua visão de que esse dom é uma ferramenta poderosa para conectar, curar e motivar.

O livro conta a trajetória do autor em se tornar poeta, passando por sua adolescência e seus primeiros contatos com a poesia em um trabalho escolar. A partir daí já podemos perceber como esse autor via a poesia, e como a poesia teve a capacidade de transformá-lo. Na última estrofe do poema “Coração nordestino”, é possível ver como Bessa pensa o seu ofício de poeta:

São milhões de pensamentos
que não saem da cabeça
e antes que eu me esqueça
registro esses momentos
com poesia e sentimentos
desde os tempos de menino,
talvez fosse o meu destino
nascido pra escrever aquilo
que faz bater um coração nordestino (Bessa, 2018, p. 49).

Essa última estrofe reflete não apenas a maneira como Bráulio Bessa enxerga a poesia, mas também sua relação quase inevitável com ela, como num chamado que o acompanha desde a infância. Ele trata a poesia como um meio de registrar pensamentos, emoções e momentos significativos. Além disso, ao dizer: “[...] talvez fosse o meu destino [...]” (Bessa, 2018, p. 49), o autor reconhece a poesia como uma missão, algo intrínseco à sua identidade e cultura. Esses versos reafirmam sua conexão com as raízes nordestinas, sua paixão por traduzir vivências em palavras e sua crença na capacidade transformadora da arte poética.

Bessa (2018, p. 34) diz que “aos poucos, meu sonho passou a ser me tornar poeta, lançar um livro e transformar vidas”. É interessante pensar na trajetória de vida de Bessa e como a poesia passou a ser uma necessidade pessoal para ele, ao ponto de ser difícil de se desvincular a figura de Bessa, da figura de um poeta. É possível dizer que existe uma profunda ligação entre Bessa e a poesia, e isso nos faz refletir sobre como a arte poética dele pode atuar para além de

um simples meio de expressão, e como pode moldar a identidade de quem lê e principalmente de quem escreve. Essa transformação de Bessa para poeta revela um interessante processo de autodescoberta e redefinição de sua própria identidade. Com o passar do tempo, a busca por se expressar por meio da poesia não só o aproximou de suas próprias emoções e vivências, como também foi fundamental para que ele desenvolvesse e descobrisse uma nova percepção de sua própria identidade. A poesia transformou-se em parte integrante de sua essência.

A necessidade pessoal do autor em escrever poemas se atrela também à vontade de escrever sobre suas vivências e suas raízes nordestinas. Bessa escreve sobre a vida no sertão, as particularidades da vida e cultura interiorana, o que está presente em muitos poemas do livro *Poesia que Transforma*. No poema “Prefiro a simplicidade”, é possível notar que o autor trata sobre suas vivências:

Carne seca e macaxeira
um cozido de capote
água fria lá no pote
melhor que da geladeira.
No terreiro a poeira
se espalha na imensidão
de paz e de comunhão
que não se vê na cidade.
Prefiro a simplicidade
das coisas lá do Sertão (Bessa, 2018, p. 58).

Já na primeira estrofe do poema, é possível perceber a relação que o autor tem com suas origens e com o sertão nordestino, por meio de versos que exaltam a culinária, os laços de comunhão e a beleza do cotidiano que, segundo ele, não se vê na cidade. Bessa transforma suas vivências em uma linguagem poética. Essa criação vai para além de uma expressão artística, é também uma necessidade pessoal de perpetuar e compartilhar a essência de sua identidade e de sua cultura.

A simplicidade apresentada no poema, que inclusive já se apresenta em seu título é também um espelho da própria vida do autor. Em “Prefiro a simplicidade”, é possível dizer que o autor encontra uma forma de falar sobre seus valores e memórias, conectando-se com suas raízes, passando essa poesia a ser uma extensão de sua própria essência. Esse poema destaca-se como uma manifestação do modo de viver e ser do autor, falando da vivência interiorana e do cotidiano dos que vivem nessa terra, pontuando por todo o poema a simplicidade, como bem é apresentado na segunda estrofe:

Bodegas pra se comprar
é o nosso supermercado

que ainda vende fiado
 pois dá pra se confiar.
 Um caderno pra anotar
 não carece de cartão
 pois as vezes falta pão
 mas não falta honestidade.
 Prefiro a simplicidade
 das coisas lá do Sertão (Bessa, 2018, p. 58).

Esses versos trazem uma celebração da vida simples no sertão, enfatizando valores como confiança, honestidade e a ligação com a comunidade. A segunda estrofe exemplifica a valorização de práticas que resistem às pressões da modernidade, como o crédito fiado, que se baseia em relações de confiança mútua e solidariedade.

Seus versos, além de exaltar a riqueza da cultura nordestina, traduzem uma jornada individual em busca de autocompreensão. Octavio Paz (1982) faz uma reflexão sobre a essência da poesia. Fala que “Cada poema é único. Em cada obra lateja, com maior ou menor intensidade, toda a poesia. Portanto, a leitura de um só poema nos revelará, com maior certeza do que com qualquer investigação histórica ou filológica, o que é a poesia” (Paz, 1982, p. 28).

A reflexão de Paz conecta-se à obra de Bráulio Bessa, cuja poesia transcende as especificidades do contexto sertanejo para alcançar dimensões universais da experiência humana. Em "Prefiro a simplicidade", a riqueza cultural e os valores da vida no sertão não são meramente descritos; eles são vivenciados e pulsantes, ecoando a ideia de que, em cada poema, há um microcosmo da poesia como um todo. Esse poema é um convite ao leitor a experimentar um pouco do mundo do autor por meio de uma linguagem acessível. Bráulio Bessa cria uma ponte entre sua vivência e suas emoções, permitindo que o leitor não apenas compreenda, mas também sinta os valores e a simplicidade exaltados por ele.

Em *Poesia que Transforma*, é percebido também um interesse do autor em contar sua vida. Isso ocorre por meio da prosa e também por meio dos versos de alguns poemas. Sua autobiografia é construída com a narração de sua vida e de suas poesias falando do Nordeste e do povo nordestino. A identidade de poeta nordestino é algo que está diretamente ligado ao que é produzido por ele.

Arfuch (2010) discorre sobre a autobiografia pensando-a como o reconhecimento imediato do que é feito pelo leitor de um “eu de autor” que propõe a coincidência “na vida” entre os dois sujeitos, o do enunciado e o da enunciação, encurtando assim a distância da verdade do “si mesmo”. Arfuch (2010, p. 53) traz alguns questionamentos que nos levam a refletir sobre a autobiografia os modos como ela opera e é compreendida., como: quão “real” será a pessoa do autobiógrafo em seu texto? Até que ponto pode se falar de “identidade” entre

autor, narrador e personagem? Ou qual é a “referencialidade” compartilhada, supostamente, tanto pela autobiografia quanto pela biografia? A autobiografia do autor é construída de acordo com seus próprios anseios, de como ele pretende que o leitor o veja. É como se o autor contasse sua história através de verso e prosa, pensando na imagem que ele pretende construir em seu público. É importante saber que nem sempre o “eu autobiografado” tem compromisso com o “eu real”. Existem interesses de quem conta sobre sua própria vida, e esses interesses podem ser atrelados a objetivos de quem fala, para criar ou moldar percepções de quem fala para quem se fala.

É possível dizer que a poesia de Bessa não apenas narra sua vida, mas também conversa com a subjetividade de seus leitores, fazendo com que o espaço de memórias tanto do autor quanto o de seu público se encontrem. Um poema que pode contribuir para essa visão que se tem do autor como alguém que constrói sua autobiografia por meio de versos é “Grande interior”. Aqui Bessa narra sua experiência de sair do Sertão e sua chegada à capital, desconfiado, com medo, porém decidido:

Eu saí lá do sertão
e cheguei na capital
desconfiado, nervoso,
suando e passando mal
com medo da violência
e com minha inocência
enfrentei esse dilema
decidindo caminhar
em busca de encontrar
a solução do problema

[...]

Foi aí que eu acordei
desse sonho tão bonito.
Parece coisa de doido,
soa meio esquisito,
mas eu não vi que a solução,
tava lá no meu sertão,
feita de paz e amor.
Se essa cidade grande
vivesse de hoje em diante
como um grande interior
(Bessa, 2018, p. 132).

Ele constrói uma autobiografia sensível, que resgata elementos de sua origem, dialogando com a necessidade que ele tem de contar sua própria história e deixar claro ao leitor quais são suas raízes. Quando lemos na última estrofe: “Foi aí que eu acordei/ desse sonho tão

bonito” (Bessa, 2018, p. 134). Podemos dizer que na verdade tudo não passava de um sonho, mas que, apesar disso, e pelo contexto da análise, sabemos que esse sonho tem relação com a experiência de vida do autor. Esse sonho funciona como uma metáfora para as vontades, os medos e as transformações vividas por ele ao longo de sua trajetória. Mesmo sendo apresentado como algo irreal, ele carrega os traços das experiências concretas e emocionais que moldaram sua identidade.

Não podemos aqui esquecer que estamos tratando de uma obra que faz parte da literatura de autoajuda, e essa autoajuda impacta não somente quem lê, mas também quem escreve, e isso tem a ver também com a necessidade pessoal da escrita. O processo de criação das poesias pode ser um momento de descompressão de sentimentos, ou seja, de colocar para fora por meio dos versos ou da prosa aquilo que machuca e aquilo traz felicidade. Bessa enxerga a poesia como um dom, é algo que ele entende como um chamado maior ou uma missão de vida. Os sentimentos contidos na obra partem dele, o que faz com que ele também seja atingido pelos estilhaços de sua própria criação. Nesse sentido, esses “estilhaços” representam um processo de reflexão e transformação interna de Bessa. Ao construir cada verso, ele não apenas compartilha suas emoções e experiências com os leitores, mas também revisita e reinterpreta suas próprias vivências, permitindo que a escrita se torne uma jornada de autodescoberta e de autoconhecimento dos próprios sentimentos.

Para Bráulio Bessa, a experiência poética não brota apenas da certeza do talento ou do domínio técnico, mas de um impulso interior que transcende a razão. Em *Poesia que Transforma* (2018), o autor revela como a poesia surgiu em sua vida como um chamado, algo que ele compreende como dom, não necessariamente ligado a uma habilidade inata, mas sim a um desejo profundo e a uma fé no propósito maior que as palavras podem carregar:

[...]não sabia se tinha o tal do dom – coisa que até hoje não entendo muito bem. Eu não sabia se tinha o talento, mas tinha o sentimento, a vontade. Acho que a vontade é um dom: eu queria tanto, que Deus decidiu me usar como instrumento para um plano dele. E eu tinha coisas pra dizer. Então sentei e comecei a escrever (Bessa, 2018, p. 34).

De acordo com o autor, o dom poético não se restringe a uma capacidade técnica ou a um talento evidente desde cedo. Antes disso, ele se manifesta na vontade emergente em comunicar algo verdadeiro, no desejo genuíno de tocar o outro por meio da palavra.

Portanto, o ato poético de Bráulio Bessa evidencia como a poesia se torna um território de cura, introspecção e atribuição de significado. A escrita, para ele, é mais que um processo criativo, é uma extensão vital de sua jornada pessoal e de sua identidade. Profundamente ligada

à sua vocação, a poesia transforma vivências dolorosas em beleza e carrega a missão de tocar e inspirar aqueles que a encontram, revelando o dom singular que ele abraçou ao longo de toda a sua trajetória. Paz (1982) vê a poesia como conhecimento, salvação, poder, abandono. Capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza, é um exercício espiritual e um método de libertação interior. Enquanto Octavio Paz concebe a poesia como um método revolucionário e libertador, Bráulio Bessa atribui a seus versos um propósito maior: o de tocar vidas, encorajar a resiliência e inspirar mudança nas pessoas. Assim, para ambos, a poesia cumpre o papel de revelar verdades mais profundas, provocar reflexões e criar conexões humanas.

2.2 A POESIA COMO UMA TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

A poesia pode agir como um importante transformador pessoal e social, explorando emoções, sentimentos e experiências humanas de forma única. Bráulio Bessa, em sua poesia, trata de temas que vão ao encontro dessa transformação, que inclusive se faz presente no título de sua obra. Essa transformação vai além do indivíduo, alcançando o coletivo ao inspirar esperança, empatia e motivação. Com uma linguagem sensível e acessível, Bráulio Bessa conecta sentimentos profundos à força necessária para superar desafios e alcançar uma vida mais plena e significativa, mostrando como a arte pode ressignificar histórias e despertar o que há de melhor nas pessoas. Mais interessante ainda é perceber como isso se aplica, sobretudo, à vida do próprio autor.

É interessante ressaltar que estamos diante de um autor que teve sua poesia popularmente conhecida por sua veiculação nas redes sociais e na televisão; portanto, a oralidade e a visualidade são pontos importantes a destacar quando estudamos Bráulio Bessa. A oralidade se faz presente em toda a trajetória do autor, algo que é bem característico da literatura de cordel. Muitas pessoas só conhecem a poesia de Bessa por ouvir suas declamações em vídeos motivacionais nas redes sociais ou pela sua participação na televisão, onde ele declamava poesias semanalmente. Paul Zumthor (1997), quando estuda sobre a poesia e a oralidade diz que:

Qualquer que seja o poder expressivo e simbólico do olhar, o registro do visível é desprovido dessa espessura concreta da voz, da taticidade do sopro, da urgência do respiro. Relançar o jogo do desejo por um objeto ausente, e presente, no entanto no som das palavras. Por isso a linguagem é impensável sem a voz (Zumthor, 1997, p. 13).

Dessa forma, a conexão entre oralidade e poesia se torna especialmente evidente na obra de Bráulio Bessa, que utiliza sua voz e *performance* como ferramentas para dar vida aos seus versos. O impacto de sua poesia vai além do texto escrito, ganhando intensidade e profundidade na interação oral com o público. Assim como Paul Zumthor sugere, a voz adiciona uma dimensão tátil e visceral à linguagem, transformando o ato de declamar poesia em uma experiência imersiva e carregada de significado. Nesse contexto, a presença da oralidade em Bessa enriquece sua arte, resgata e moderniza tradições culturais como o cordel, tornando-as acessíveis a novas gerações.

A poesia de Bráulio Bessa, com sua base na oralidade e inspiração no cordel, exemplifica como a arte poética pode ter o poder de transformar para quem a ouve e para quem a cria. Essa dimensão oral de sua poesia estabelece uma conexão imediata e tangível com os ouvintes, tornando suas declamações experiências vivas e impactantes. Em Bessa, essa oralidade está diretamente vinculada à transformação pessoal, tanto para ele quanto para sua audiência. A prática de declamar se torna um ato de “catarse”, fazendo com que o autor entenda seus próprios sentimentos e dialogue com seu público, de forma que o inspire. É como se a oralidade amplificasse a mensagem poética, fazendo com que o impacto da poesia fosse mais forte.

Os versos motivacionais e encorajadores de Bessa, ao serem declamados, favorecem um efeito emocional profundo, ajudando as pessoas a superarem desafios, a acreditarem em suas capacidades e a se reconectarem consigo mesmas, potencializando o efeito de transformação pessoal que a poesia tem.

No poema “Se”, já na primeira estrofe, é possível perceber que ele representa as incertezas e os medos, ilustrando uma jornada humana e profunda, na qual também há espaço para a fragilidade, elemento que dialoga com a transformação pessoal do autor:

E se ninguém me der força
 E se ninguém confiar
 E se eu for invisível
 E se ninguém me enxergar
 E se eu perder a fé
 Se eu não ficar de pé
 Se eu voltar a cair
 Se a lagrima escorrer
 Se por medo de sofrer
 eu pensar em desistir (Bessa, 2018, p. 26).

Essa estrofe é marcada por uma sequência de hipóteses negativas, organizadas em um encadeamento crescente de fragilidade emocional. O uso reiterado do conectivo “e se” traduz

um estado de dúvida existencial e aponta para um eu lírico vulnerável, tomado pelo medo da solidão, da invisibilidade e de uma queda emocional e espiritual.

A construção de versos curtos, com ritmo e sonoridade acessível, reforça a dimensão oral e performática típica da poética de Bessa, especialmente quando declamada. O poema culmina com o verso “eu pensar em desistir”, que quebra a estrutura repetitiva e fecha a estrofe com impacto emocional, revelando a tensão interna do sujeito poético entre resistir e sucumbir.

A obra *Poesia que Transforma* reúne textos que, embora ancorados nas experiências subjetivas de Bráulio Bessa, são deliberadamente construídos para estabelecer um diálogo com o outro, seja o leitor, o ouvinte ou a plateia. No prefácio da obra e em diversas entrevistas, o autor revela que a poesia surgiu, inicialmente, como uma forma de enfrentar suas próprias dores, inseguranças. No entanto, seu propósito vai além do campo pessoal, assumindo a missão de “ser ponte”, “levar força” e “transformar realidades”. No caso específico do poema “Se” (do qual essa estrofe faz parte), o tom é profundamente empático e identificável, o que sugere que ele nasce a partir de uma crise pessoal ou, ao menos, de um contato íntimo com o sentimento de fraqueza e vulnerabilidade, mas é estruturado para atingir o leitor. Trata-se de uma poesia construída no limiar entre o pessoal e o universal.

As perguntas feitas no poema refletem um estado de vulnerabilidade e de dúvidas sobre si mesmo e sobre a percepção dos outros em relação a quem fala. É possível dizer que há um sentimento de invisibilidade e uma necessidade de reconhecimento. Quando pensamos na construção dessa poesia como parte da transformação pessoal do autor, é possível interpretá-la como um reflexo de um processo interno, que é complexo e profundo. O poema repete “E, Se” várias vezes, o que pode ser um espelho das ansiedades que são geradas em meio a situações de conflito interno. Os últimos versos vão mais fundo ao mencionar diretamente a fé, a resiliência, a possibilidade de queda e o medo de sofrer. Trazendo isso à tona, a poesia se torna um instrumento de enfrentamento e autoconsciência:

E se quando eu cair
ninguém me estender a mão.
E se quando eu me perder,
sem rumo, sem direção,
Se eu não achar o caminho
Se eu estiver sozinho
no labirinto da vida.
E se tudo for escuro
Se eu não vir um futuro
na estrada a ser seguida (Bessa, 2018, p. 26).

É possível perceber na segunda estrofe do poema “Se” desamparo, incerteza e solidão.

O cenário continua sendo de vulnerabilidade frente a momentos difíceis que o autor enfrenta sem apoio ou orientação. Do ponto de vista da autorreflexão, os versos simbolizam uma jornada interna em que o autor se depara com a possibilidade de isolamento no "labirinto da vida". Esse labirinto parece representar as dificuldades externas e os conflitos internos vividos pelo autor. A ausência de um futuro claro e a dificuldade de se enxergar uma "estrada a ser seguida" fazem alusão à desesperança que, muitas vezes, é o ponto de partida para a mudança de vida e para a transformação pessoal. O que é escrito está para além do que pode ser lido:

A poesia nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo. Os sentidos, sem perder seus poderes, convertem-se em servidores da imaginação e nos fazem ouvir o inaudito e ver o imperceptível (Paz, 1994, p. 11).

Bessa, de certa forma, revela o íntimo do autor e convida os apreciadores a adentrar em um universo de sensações e emoções. Paz aprofunda essa perspectiva ao afirmar que a poesia é perfeitamente capaz de "tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio", indicando que a arte poética transforma os sentidos e nos transporta para dimensões que são invisíveis, mas são profundamente reais. O "mundo outro" ao qual Paz se refere é um espaço único onde a imaginação atua como guia aos leitores, conduzindo-os a um exercício sensível e de contemplação do imperceptível.

É possível entender como Bessa vê a poesia, como a poesia para ele é uma necessidade pessoal (um dom) e como essa poesia que inspira pode tocar quem escreve de maneira especial. Para Bessa, a poesia transcende a escrita. Ela é um gesto de resistência, e uma poderosa fonte de motivação para quem a lê. Essa experiência íntima não se restringe ao autor: ela se projeta para o outro. A poesia, ao transformar quem a escreve, também se torna ponte, fonte de resistência e motivação, revelando seu potencial de alcançar e tocar o sensível de cada. Assim, ao unir o testemunho poético de Bessa com a reflexão filosófica de Paz, compreende-se que a poesia é mais do que forma ou conteúdo, é vivência e partilha, um caminho que conecta o interior do sujeito à vastidão do mundo, permitindo que palavras, ainda que sirvam como um elo que une o "eu" ao "nós", reafirmando a arte como um ato fundamental de existência e conexão.

O poema "*Recomece*", de Bráulio Bessa é uma de suas produções mais conhecidas pelo grande público. Apresenta-se como uma expressão poética ligada à ideia de transformação pessoal. Com uma mensagem inspiradora, o autor constrói versos que funcionam como um verdadeiro convite ao recomeço, mesmo diante das dificuldades e frustrações da vida. A obra evidencia a força do cotidiano como espaço de superação e renascimento, reafirmando a

capacidade humana de se refazer a partir da dor e da perda. Nesse sentido, o poema não apenas transmite uma mensagem motivacional, mas também se configura como um instrumento poético de reconstrução subjetiva, estimulando as partes a revisitarem suas escolhas.

Quando a vida bater forte
e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir, lhe esmagar...
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar...
É hora do recomeço.
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for longa
e seu corpo fraquejar,
quando não houver caminho,
nenhum lugar pra chegar...
É hora do recomeço.
Recomece a CAMINHAR.

Já nos três primeiros versos do poema são percebidos alguns elementos da forma interessantes de serem pontuados, como, por exemplo, o uso de reticências (...) no antepenúltimo verso de cada estrofe e a última palavra de cada verso ser escrita completamente em caixa-alta. No caso das reticências, elas cumprem uma função expressiva relevante. Mais do que indicar uma pausa, elas sugerem continuidade, funcionando como um recurso que permite ao leitor completar o sentido do verso com suas próprias vivências ou dores. Em vez de encerrar a ideia de sofrimento com um ponto final, o autor opta por uma suspensão que reforça a natureza fluida da dor, passível de diferentes durações e formas de experiência. Desse modo, as reticências promovem um espaço de reflexão e estabelecem uma transição mais leve para o verso seguinte, que marca a virada temática: "É hora do recomeço."

As palavras finais de cada estrofe: "LUTAR, ACREDITAR e CAMINHAR" estão em caixa-alta com o intuito de enfatizar visualmente e semanticamente a ação necessária. São verbos no infinitivo, usados como imperativos motivacionais. Ao destacá-los com letras maiúsculas, o autor reforça a ideia de força, decisão e impulso. Isso cria um contraste com os versos anteriores, marcados por dor, dúvida e fraqueza.

O poema "Recomece" de Bráulio Bessa pode ser compreendido como um importante instrumento de transformação. É possível perceber no decorrer dos versos um discurso

motivacional que está interligado à realidade emocional do sujeito que sofre com as incertezas e percalços da vida. A estrutura do texto é composta por situações de perda, dor, dúvida e cansaço, seguidas de um convite ao recomeço reforçando a ideia de que é possível ressignificar a experiência de dor, transformando-a em impulso que pode levar a uma vida melhor.

O poema não se limita a explorar as nuances da dor nos problemas descritos, o que até daria uma maior carga sentimental e poética para a escrita. O foco está na reconstrução, atuando como um chamado à ação, ao movimento, à resistência. É possível dizer que o poema funciona como um dispositivo de encorajamento e empoderamento emocional. A repetição da frase “É hora do recomeço”, em todas as estrofes, não apenas estrutura o texto, mas também reforça a mensagem central de que a mudança é possível em qualquer etapa da vida. O recomeço, nesse contexto, não é um ponto de fraqueza, mas de potência. Isso se atrela à própria vida do autor, que precisou de coragem para recomeçar em diversos momentos da vida, recomeçando a acreditar, a caminhar e a sonhar. A trajetória de Bessa em certos momentos conversa com o que ele ensina nesse poema, revelando uma coerência entre sua vivência e sua produção poética. Ainda que “Recomece” tenha sido escrito a partir da dor de outra pessoa, ele traduz princípios que o autor também vivenciou: a persistência diante da adversidade, a fé na reconstrução e o compromisso com a palavra como instrumento de cura. Assim, sua poesia torna-se não apenas uma mensagem para o outro, mas um reflexo ético e existencial de quem a escreve.

Em *Poesia que Transforma*, Bráulio Bessa conta a história do poema “Recomece”, que é em homenagem a uma criança que perdeu muitos familiares em um acidente. O poema é uma mensagem motivacional que tenta ensinar essa criança e todas as pessoas que estejam passando por algum momento de grande dificuldade:

“Recomece” foi o poema Que acabou se transformando no meu “clássico”, por assim dizer. Muita gente pensa que ele surgiu por causa de algo que aconteceu na minha vida. Mas não foi bem assim. A origem desse poema é a seguinte: em julho de 2017, recebi a pauta do programa *Encontro*, para fazer um poema, e logo fiquei muito comovido com a história. Estaria presente uma menina chamada Laura Beatriz, que 7 anos antes, em 2010, perdera vários familiares num deslizamento no morro do Bumba, em Niterói. Na noite da tragédia, ela fora entrevistada pela Fátima Bernardes, numa de suas últimas coberturas fora do estúdio, para o *Jornal Nacional*. E mesmo criancinha aos 8 anos, a menina havia passado muita força (Bessa, 2018, p. 18).

Essa narrativa revela um aspecto importante da poética de Bráulio Bessa, pois nem sempre a dor que motiva seus versos é vivida por ele diretamente. Muitas vezes, essa dor é colhida da escuta sensível que o poeta tem do mundo ao seu redor. Aqui, a poesia emerge como um gesto de empatia, um canal pelo qual a dor do outro é acolhida, ressignificada e transformada em força compartilhável. A transformação pessoal, portanto, não se restringe ao

autor; ela pode ocorrer também em quem lê, ou ouve o poema, ao sentir-se representado, acolhido ou impulsionado por suas palavras.

De certa forma, o autor toma posse das experiências vividas por outras pessoas ao tomar conhecimentos delas. Em certos casos a dor é tamanha que a experiência de quem a sofreu consegue atingir quem toma conhecimento dela de forma marcante e substancial. fazendo com que essa dor alheia se integre à sua própria sensibilidade e se torne, por sua vez, um motor para a reflexão, a denúncia ou a criação artística, transformando o observador passivo em testemunha ativa.

Por meio da análise dos poemas do livro também podemos perceber o poder transformador da poesia, que já é proposto inclusive no título da obra. Essa transformação pode acontecer no âmbito pessoal do autor e de cada leitor. A mensagem motivacional dos poemas de Bessa conversa diretamente com a perspectiva da autoajuda, reafirmando o poder da palavra como ponte entre o sentir e o agir.

CAPÍTULO 3

A POESIA QUE CURA E CONFRONTA

3.1 A POESIA COMO TRANSFORMAÇÃO DA VIDA DAS PESSOAS

A poesia pode transcender o estético e o literário e chegar a tocar profundamente o humano. A poesia em sua ação de cura consegue chegar a lugares íntimos do ser humano. Para além de palavras bem colocadas e versos bem construídos, a poesia pode ser uma expressão capaz de acessar essas emoções. A poesia reorganiza os sentimentos e permite que o sujeito se reconheça. O contato com esses sentimentos pode facilitar o processo de cura de cada pessoa, pois oferece um espaço simbólico onde a dor pode ser elaborada, ressignificada e, muitas vezes, acolhida.

No livro *Poesia que Transforma* de Bráulio Bessa, o tom inspiracional é percebido tanto nos versos dos poemas, quanto em prosa. O autor conta sobre sua vida na tentativa de que esses relatos, de alguma forma possam tocar e transformar a vida dos leitores. Os poemas impactam diretamente quem os lê, pois não apenas despertam emoções, mas também provocam reflexões e oferecem caminhos para o enfrentamento das dificuldades cotidianas.

A recepção da obra de Bráulio Bessa e seu impacto no público podem ser aferidos por indicadores para além da análise puramente textual. O expressivo sucesso comercial de seus livros, assim como a notória popularidade de seus poemas nas redes sociais e em programas de televisão, são evidências desse alcance. Tais fatores, aliados aos relatos dos leitores, atestam a ressonância de sua produção poética. Essa ampla receptividade não deve ser vista somente sob a ótica mercadológica. Ela sugere que a obra de Bessa atende a uma demanda de representatividade e validação cultural.

Em *Poesia que Transforma*, temos poemas com um teor motivacional mais voltado para a autoajuda ou transformação pessoal, como é o caso de “A corrida da vida”. Esse poema traz um conjunto de direcionamentos e aconselhamentos sobre como viver a vida. É um poema de dez estrofes, contendo sete versos cada, e se inicia com os versos:

Na corrida da vida
é preciso entender
que você vai rastejar,
que vai cair, vai sofrer
e a vida vai lhe ensinar
que se aprende a caminhar
e só depois a correr (Bessa, 2018, p. 22).

O poema se inicia tratando das dificuldades da vida, dos ensinamentos em relação ao viver. Cabe dizer que o poema já começa deixando claro o tom do que está por vir no decorrer das estrofes. Esses versos falam de maneira sensível sobre a jornada humana de aprendizado e superação. A metáfora da "corrida da vida" aponta para o processo gradual e inevitável de crescimento, destacando que obstáculos e dificuldades fazem parte do caminho. O ato de "rastejar", o de "cair" e o de "sofrer" simbolizam os desafios iniciais que todos enfrentamos, enquanto o aprendizado de "caminhar" e, eventualmente, o de "correr" refletem a evolução que ocorre ao longo do tempo. Essa reflexão mostra como a arte poética pode influenciar o modo como as pessoas percebem suas próprias trajetórias. E assim percebemos esses versos como um convite à resiliência e à celebração do crescimento pessoal:

Aprenda quando chorar
e quando sentir saudade,
aprenda até quando alguém
lhe faltar com a verdade.
Aprender é um grande dom.
Aprenda que até o bom
vai aprender com a maldade (Bessa, 2018, p. 22).

Podemos perceber a palavra “aprenda” se repetir no modo imperativo três vezes durante os sete versos. Isso coloca o poema numa posição de aconselhador. O conteúdo desse poema parece atuar como uma espécie de manual sobre como viver a vida. A repetição imperativa não só reforça a mensagem, mas também confere ao poema um tom didático, quase como um guia prático, que busca inspirar e motivar o leitor a refletir sobre suas ações e atitudes no cotidiano. A ideia de "aprender quando chorar e quando sentir saudade" destaca a importância de acolher as emoções, mesmo as dolorosas, como parte do processo de autoconhecimento e evolução. O ato de aprender, nesse contexto, transforma o sofrimento em oportunidade de crescimento. A menção ao "faltar com a verdade" e à "maldade" aponta para os conflitos e injustiças que todos enfrentamos na vida. Ao sugerir que até o bom pode aprender com a maldade, os versos reconhecem que experiências difíceis podem trazer lições valiosas, ajudando a moldar a força e a resiliência do indivíduo. Aqui, a poesia relata a realidade e encoraja uma postura ativa e reflexiva diante dela, transformando adversidades em crescimento interior.

Pereira e Souza (2018) pensam a relação entre autor e leitor na literatura de autoajuda como sendo pautada por processos psíquicos de identificação e transferência. Tal relação permite que o autor renove continuamente a promessa de conduzir o leitor ao sucesso em

qualquer âmbito da vida. A repetição dessas promessas de sucesso reforça a confiança do leitor no autor e na eficácia dos conselhos oferecidos, fortalecendo ainda mais o vínculo e perpetuando o ciclo de confiança e renovação. A função desse poema até aqui é nítida. Seu viés aconselhador e orientador diz muito sobre como o leitor é orientado a viver sua vida. O poema funciona como um guia moral e ético, encorajando o leitor a adotar comportamentos e atitudes que levem a uma vida mais plena e significativa.

Essa proposta de orientação se intensifica à medida que os versos avançam, como se a voz poética assumisse o papel de conselheiro experiente que, além de motivar, ensina a lidar com os desafios do cotidiano de forma mais consciente e resiliente. É o que se observa, por exemplo, na quinta estrofe, quando o poeta propõe um exercício de autoconhecimento e superação diante das adversidades, sejam elas, emocionais ou sociais:

Aprender a desviar
das pedras da ingratidão,
dos buracos da inveja,
das curvas da solidão,
expandindo o pensamento
fazendo do sofrimento
a sua maior lição. (Bessa, 2018, p. 23).

Aqui é feito um jogo de metáforas com a inveja, a solidão e o sofrimento, numa tentativa de ensinar o leitor a driblar essas adversidades da vida. Essa estrofe traz outro claro teor aconselhador típico da literatura de autoajuda. Rüdiger (2010, p. 78) diz que “a literatura de autoajuda – para o bem ou para o mal: depende da relação de valor em que nos situamos”. Cabe dizer que os “buracos da inveja” (Bessa, 2018, p. 23) metaforizam e colocam a inveja em um lugar socialmente entendido como negativo. Ao ilustrar esses sentimentos como obstáculos a serem superados, o poema reforça a importância de se cultivar a resiliência e uma atitude positiva. Dessa forma, não só orienta o leitor a enfrentar essas emoções de maneira construtiva, mas também destaca a necessidade de transformar experiências ruins em oportunidades de crescimento pessoal.

O poema aconselha e orienta, fazendo com que as condutas mudem, mas não de maneira que direcione o leitor a uma positividade e uma produtividade exacerbada. Prova disso é o que o autor traz nessa estrofe:

Pare, não tenha pressa,
não carece acelerar,
a vida já é tão curta,
é preciso aproveitar
essa estranha corrida

que a chegada é a partida
e ninguém pode evitar! (Bessa, 2018, p. 23).

Em vez do foco excessivo em produtividade e sucesso, algo característico da autoajuda moderna, Bráulio Bessa propõe uma abordagem mais equilibrada e consciente da vida. Ele enfatiza a importância de se desacelerar, de se apreciar o momento e de se reconhecer a finitude da existência. O poema incentiva o leitor a encontrar seu próprio ritmo, a refletir sobre o sentido da vida e a viver de maneira mais autêntica e plena, algo bem característico de Bessa, sem a pressão de se seguirem ideais de produtividade constante e otimismo forçado. Estamos tratando aqui de uma poesia que incentiva uma vivência mais equilibrada e consciente. Essa abordagem abre caminho para o autoconhecimento e autorreflexão.

O poema “É preciso mudar”, por exemplo, é uma proposta de reconexão com a própria essência, um roteiro poético de como transformar a si mesmo a partir da ação, da escuta, da coragem e da aceitação da dor. Bráulio Bessa utiliza sua linguagem acessível, afetiva e rimada para estimular mudanças internas e externas de forma leve:

Caminhe por outra rua
Mude os móveis de lugar
Use aquela roupa velha
Na pressa, pode esperar.
Corte, pinte seu cabelo
Sem seguir nenhum modelo
Pois é preciso mudar

Pinte a parede da sala
Sem medo de se sujar
Devore a lasanha, a coxinha
Sem culpa por engordar.
Frequente novos lugares
E respire novos ares
Pois é preciso mudar.

Escreva uma carta à mão
E esqueça o celular
Visite alguém que faz tempo
Que não vem lhe visitar.
Fale mais, digite menos
Construa em novos terrenos
Pois é preciso mudar.

Aprenda uma nova língua
Talvez volte a estudar
Tome mais banhos de chuva
Deixe a vida lhe banhar.
Pule muros e barreiras
Crie novas brincadeiras

Pois é preciso mudar.

Há mudança até na dor
Basta a gente observar
Deixar a casa dos pais
Mesmo querendo ficar.
Ver amigos indo embora
Sentir a dor de quem chora
Sofrer também é mudar.

Perder aquele emprego
Não ter grana pra gastar
Estudar pra um concurso
E mesmo assim, não passar.
Ser largado, ser traído
Se sentir meio perdido
Sofrer também é mudar.

O vento que às vezes leva
É o mesmo vento que traz
Leva o velho e traz o novo
Se renova, se refaz.
Transforma agito em sossego
Desconforto em aconchego
Faz a guerra virar paz
(Bessa, 2018, p. 144 - 145).

Desde os primeiros versos, a voz poética sugere mudança, que não necessariamente é de algo grandioso. Essa mudança pode ser nas pequenas ações do dia a dia. Mudar pode começar com gestos simbólicos, como reorganizar espaços, romper rotinas rígidas ou abandonar padrões impostos. O poema ensina que o “transformar-se” não exige condições ideais.

Quando lemos na terceira estrofe “Escreva uma carta à mão/ E esqueça o celular/ Visite alguém que faz tempo / Que não vem lhe visitar” (Bessa, 2018, p.144), percebemos a valorização de atitudes simples que revelam o valor da presença e da memória afetiva reforçando a importância dos vínculos humanos em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia e pela pressa. O poema nos convida a resgatar gestos que fortalecem as relações e alimentam a alma, promovendo uma transformação interior a partir do afeto e da escuta verdadeira. A poesia de Bráulio Bessa se configura como um instrumento de transformação pessoal ao despertar nele e no leitor a consciência de que mudar é possível, necessário e muitas vezes acessível.

No verso “Sofrer também é mudar”, ao final da quinta estrofe, talvez seja um dos mais impactantes do poema. Aqui o autor valida a dor como um elemento legítimo e de grande

potencial transformador de vida. Também nessa mesma estrofe, o poema traz reflexões sobre uma perspectiva mais dolorosa. A voz poética enumera, situações comuns, mas que são profundamente impactantes como perder o emprego, enfrentar dificuldades financeiras, lidar com frustrações acadêmicas, afetivas e emocionais. São experiências que, por mais que sejam frequentes e indesejadas, fazem parte da experiência humana e funcionam como gatilhos involuntários de mudança interior.

"Estudar pra um concurso/ E mesmo assim, não passar" (Bessa, 2018, p. 145). O sentimento de esforço não recompensado é trazido aqui nesses versos, uma das frustrações mais desmotivadoras da vida adulta. No entanto, essa frustração é retratada aqui como uma oportunidade de aprendizado e amadurecimento. Bessa nos faz perceber que até mesmo o fracasso carrega um potencial transformador.

"Ser largado, ser traído/ Se sentir meio perdido" (Bessa, 2018, p. 145). Esse trecho da sexta estrofe reforça a dimensão emocional do sofrimento, revelando não apenas a fragilidade das relações humanas, mas também a sensação de desamparo que muitas vezes acompanha momentos difíceis. O verso "se sentir meio perdido" ganha um sentido ainda mais profundo quando pensado dentro da proposta da poesia como transformação pessoal, pois traduz um estado de transição, de instabilidade interior, que frequentemente antecede um processo de reconstrução subjetiva. Ao nomear essa experiência com delicadeza e empatia, a poesia oferece acolhimento e abre espaço para a reinvenção e ressignificação. Sentir-se perdido, na perspectiva poética, não é fraqueza, é o primeiro passo para reencontrar a si mesmo, e esse movimento de autoconhecimento é, por excelência, um gesto de transformação.

Bráulio Bessa mostra que a mudança não acontece só nos momentos de força e alegria, mas também nos tempos difíceis, de dor e recomeço. Ao valorizar gestos simples, como escrever uma carta ou visitar alguém querido, e ao reconhecer o sofrimento como parte da vida, o poema convida o leitor a enxergar a realidade com mais sensibilidade. Assim, a poesia não apenas fala sobre mudança, mas inspira e provoca transformações internas.

A poesia pode ser reflexo daquilo que o autor sente, ou mesmo da percepção que ele tem em relação ao que ele observa em seu entorno. Paz (1993, p. 11) diz que "a poesia é feita de palavras enlaçadas que emitem reflexos, vislumbres e nuances", ressaltando que, por meio de palavras cuidadosamente entrelaçadas, a poesia transcende sua forma literal, desperta sentimentos, provoca reflexões e amplia os horizontes da consciência humana. Assim, a poesia transforma aqueles que entram em contato com ela, criando interações enriquecedoras para a experiência humana.

É nesse poder de tocar o íntimo e, ao mesmo tempo, se conectar com o coletivo que

reside a força da poesia de Bráulio Bessa. Seus versos, nascidos da própria dor ou da escuta atenta das dores alheias, comovem e promovem caminhos possíveis para ressignificar a própria existência. Eles provocam deslocamentos internos, incentivam a reconstrução emocional e oferecem ao leitor a possibilidade de enxergar novos sentidos onde antes havia escuridão.

Em *Poesia que Transforma*, Bráulio Bessa, para comprovar o impacto de seu livro e o poder da poesia na vida das pessoas, traz uma série de relatos, onde seus leitores falam como a poesia de Bessa na prática transformou suas vidas de algum modo. O autor diz que:

Sempre acreditei que cada um de nós tem uma missão aqui na Terra. Costumo dizer (e é possível que já tenha dito em algum lugar deste livro) que viemos para este mundo sem trazer nada, vamos embora sem levar nada, mas podemos deixar muita coisa boa. Todos os dias recebo diversos depoimentos, de todo tipo de gente, contando como minha poesia transformou suas vidas. A cada nova história, sinto que essa é a parte boa que estou deixando por aqui! (Bessa, 2018, p. 177).

Os depoimentos aos quais o autor se refere foram deixados por leitores de sua obra em sua página no *Facebook*. Neles, cada pessoa, em diferentes lugares, relata como foi transformada por seus poemas, seja por meio da leitura do livro, seja por meio das publicações nas redes sociais ou das declamações realizadas pelo autor no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, exibido pela Rede Globo de Televisão.

Um exemplo é o relato de Clara, de 53 anos, residente em Curitiba-PR, que compartilha sua experiência com a depressão e como a poesia de Bráulio Bessa a ajudou nesse processo de superação:

Tive depressão, não conseguia sequer trabalhar. Quem me conhece nem acredita. Um dia recebi por WhatsApp o vídeo do seu poema ‘Recomece’. Passei a assisti-lo diariamente e a acompanhar seu trabalho no *Encontro*. Percebi uma poesia que mexe com a gente, diferente, e que me ajudou no processo de recuperação. Voltei a estudar (minha terceira graduação) e quero fazer meu trabalho de conclusão sobre o seu trabalho com poesia. Tenho certeza absoluta que não fui a única. Sua obra tem algo de simples e ao mesmo tempo forte que realmente encanta e consegue mudar pensamentos (Bessa, 2018, p. 179).

O testemunho de Clara evidencia de forma sensível e prática como a poesia de Bráulio Bessa ultrapassa os limites da estética para agir diretamente na vida emocional e existencial das pessoas. Diante de um quadro de depressão, sua conexão com o poema “Recomece” funcionou como um ponto de virada, despertando forças internas que lhe possibilitaram retomar os estudos e ressignificar sua trajetória pessoal. A simplicidade da linguagem de Bessa, aliada à profundidade das mensagens transmitidas, torna sua poesia acessível, acolhedora e, ao mesmo tempo, impactante. O relato de Carla demonstra que sua obra não apenas inspira, mas também promove verdadeiros processos de cura e reconstrução subjetiva em quem entra em contato com ela. Nesse sentido, *Poesia que Transforma* cumpre o que propõe fazendo da palavra um

instrumento de mudança real.

O impacto da poesia de Bessa na vida das pessoas toma consideráveis proporções, indo além da carga eufêmica da inspiração, configurando-se como uma verdadeira transformação de vida, ou mesmo um resgate da própria vida, fazendo com que pessoas que nutriram pensamentos suicidas desistissem desse intento. Exemplo disso é o relato de Talyta, residente em Várzea da Roça-BA, que fala:

Da última vez que tive pensamentos suicidas, ouvi seus poemas “Se” e “Recomece”, e eles me fizeram desistir, levantar a cabeça e seguir em frente. Seus poemas me fortalecem cada dia mais. Pelo seu exemplo, com sua admiração por Patativa, acabei virando uma grande fã dele e hoje escrevo alguns poemas, escrevo cordéis, mas são raros. Você é uma grande inspiração pra mim. E seu livro é extraordinário. Obrigada por me fazer insistir (Bessa, 2018, p. 179).

O relato de Talyta evidencia o poder da poesia como fator de enfrentamento em momentos de crise, bem como seu potencial para despertar talentos ainda não explorados e estimular a expressão criativa. Ao encontrar nos versos de Bráulio Bessa uma fonte de força para resistir aos próprios pensamentos suicidas, ela se reergue emocionalmente e encontra na poesia um novo caminho de cura e de identificação.

A obra de Bessa despertou em Talyta o desejo de seguir em frente e de se expressar por meio da escrita, convertendo sua dor em criação poética. Esse movimento revela o poder transformador da poesia de Bessa, capaz de romper a passividade do leitor e gerar ação, produção e reinvenção de si. A poesia aqui atua como impulso para a reconstrução e a autoria de novas histórias.

Paz (1982) diz que o poema é possibilidade, algo que só se anima ao contato de um leitor ou um ouvinte. Assim, a poesia não existe isoladamente, mas se concretiza na relação que estabelece com o outro, quando provoca emoção, sentido e ação. No caso de Talyta, o poema de Bessa ultrapassa o papel de discurso literário e se torna vivência, é um caso em que a experiência pessoal se transforma.

As temáticas dos poemas de Bráulio Bessa são diversas. É possível afirmar que ele transita entre a exaltação da cultura nordestina e questões-problema da contemporaneidade, como se observa no poema “Redes Sociais”, em que o autor problematiza o uso excessivo da tecnologia e a superficialidade das relações virtuais.

Lá nas redes sociais
o mundo é bem diferente,
dá pra ter milhões de amigos
e mesmo assim ser carente.

Tem like, a tal curtida,
tem todo tipo de vida
pra todo tipo de gente.

Tem gente que é tão feliz
que a vontade é de excluir.
Tem gente que você segue
mas nunca vai lhe seguir.
Tem gente que nem disfarça,
diz que a vida só tem graça
com mais gente pra assistir.

Por falar nisso, tem gente
que esquece de comer,
jogando, batendo papo,
nem sente a fome bater.
Celular virou fogão,
pois no toque de um botão
o rango vem pra você. (Bessa, 2018, p. 62).

Nas três primeiras estrofes do poema, já é possível perceber o tom crítico adotado pelo autor. Essa crítica, no entanto, não se dirige diretamente às redes sociais em si, mas ao modo superficial como muitas pessoas escolhem vivenciá-las. É um espaço marcado por amizades rasas, aparências fabricadas e uma exposição exagerada da intimidade. O poeta, portanto, denuncia a falta de profundidade nas relações humanas mediadas pela tecnologia, convidando à reflexão sobre o vazio existencial que pode estar por trás das postagens e curtidas.

Cabe dizer que o esvaziamento das relações humanas é um dos principais pontos abordados nesse poema, e isso se dá pelo uso excessivo e constante da tecnologia, fazendo com que as pessoas, por mais que estejam próximas, ainda sejam distantes umas das outras. A reflexão proposta pelo autor vai além de uma simples reprovação das redes sociais; ela convida o leitor a repensar a qualidade de suas conexões, a autenticidade de sua presença virtual e o impacto disso em sua vida emocional e social.

Na primeira estrofe, Bessa evidencia a contradição entre quantidade e qualidade: mesmo com "milhões de amigos", a carência persiste. Esse verso denuncia a ilusão de pertencimento e afeto nas redes, lugar em que os números substituem vínculos reais e verdadeiros. Essa percepção pode ser transformadora ao levar o leitor a questionar se está realmente nutrindo relações significativas e verdadeiras ou apenas acumulando interações vazias.

A segunda estrofe possui uma das informações mais inquietantes do poema, quando o autor diz que “Tem gente que nem disfarça/ diz que a vida só tem graça/ com mais gente pra assistir” (Bessa, 2018, p. 62). Esses versos revelam uma crítica à busca incessante por

visibilidade nas redes sociais. Muitas pessoas parecem viver nelas não para si, mas para uma audiência constante, moldando sua existência em função do olhar do outro.

Já na terceira estrofe, Bessa aborda a automatização do cotidiano e o distanciamento da realidade física: o celular se torna o "fogão", símbolo de conforto prático e de alienação. Essas facilidades tecnológicas, embora facilitem nossas vidas podem nos distanciar de experiências sensoriais, como a de preparar uma refeição. A crítica feita nessa estrofe está voltada para essas atividades mecanizadas. O poema sugere que, ao priorizar a rapidez e a conectividade, corremos o risco de perder o contato com a simplicidade e o valor do “aqui e agora”.

Pode-se dizer que as estrofes analisadas configuram um alerta sobre os perigos da hiperconectividade e da superficialidade nas relações virtuais. A transformação que é proposta por Bessa envolve principalmente um retorno à autenticidade, ao equilíbrio e à presença consciente, tanto consigo mesmo quanto nas relações interpessoais. Ao abordar essa temática com sensibilidade, clareza e senso crítico, o poeta propõe uma mudança de postura, menos aparências fabricadas e mais conexões reais:

E se você receber
esse singelo cordel
que eu escrevi à mão
num pedaço de papel,
que tem um tom de humor
mas no fundo é um clamor
lhe pedindo pra viver.
Viva a vida e o real,
pois a curta final
ninguém consegue prever
(Bessa, 2018, p. 64).

Na última estrofe, o poema convoca o leitor para um despertar existencial, pede que o leitor viva o real de forma plena, afastando-se das ilusões e distrações do mundo virtual, que são objetos de crítica nesse poema. Ao afirmar que "a curta final ninguém consegue prever" (Bessa, 2018, p. 64), Bessa relembra a imprevisibilidade da vida e a urgência de aproveitá-la com autenticidade, priorizando experiências reais e verdadeiras em vez de validações superficiais.

A poesia se apresenta como um instrumento de transformação pessoal, pois essa convocação destinada ao leitor para que ele viva a realidade cotidiana, parte de uma inquietude do autor em observar como as dinâmicas nas redes sociais acontecem. É um poema de linguagem simples, mas que consegue provocar uma reflexão que pode levar o leitor a reavaliar

suas escolhas e seus hábitos, podendo ter uma visão mais consciente do mundo e que valorize as experiências plenas.

Outro relato que é posto no livro é o de Caroline de Miguel Pereira-RJ. Seu depoimento é mais um que contribui com a visão de que a poesia de Bessa pode ser um forte agente de transformação pessoal, pois evidencia como seus versos foram capazes de tocar emocionalmente o leitor, despertando sentimentos e promovendo reflexões:

Muito sábias as suas palavras no poema das redes sociais: “Estamos perto e não percebemos por causa do celular e com o celular estamos longe e queremos estar perto.” Minha mãe teve um AVC há pouco tempo, sempre assiste ao seu cordel no *Encontro* e fica toda emocionada, e eu também (Bessa, 2018, p. 182).

Destacando o trecho do relato “Estamos perto e não percebemos por causa do celular e com o celular estamos longe e queremos estar perto” (Bessa, 2018, p. 180), Caroline evidencia como a poesia de Bessa atua como um espelho do cotidiano, revelando verdades muitas vezes negligenciadas na correria da vida moderna. O cordel, assistido pela mãe de Caroline e por ela mesma, torna-se um canal de conexão, emoção e conforto. Esse exemplo reforça a noção de que a poesia de Bessa funciona como um agente de transformação pessoal. No momento de dificuldade vivido por ambas, com sua mãe acometida por um problema de saúde, elas encontram na poesia de Bessa o conforto de que precisam.

Outro poema que nos faz entender melhor a transformação que Bessa propõe em seu livro, é um poema cujo título é o mesmo da obra “*Poesia que Transforma*”. Ele é uma síntese poética que trata sobre a missão do autor como um transformador de vidas e que faz isso por meio da palavra. Para além de estético e indo ao encontro do emocional, nesse poema, Bessa fala de como a poesia a transformou e como a partir disso ele se tornou transformador:

A poesia me transforma
em tantas formas.

Quando escrevo deixo de ser eu,
me transformo em ninguém
pra me transformar em todo mundo.

A poesia é transformação,
é verbo e ação.

Transformar...
O ódio em amar
O Sertão em mar
O silêncio em falar
A dor na coluna em dançar
A timidez em cantar

A desesperança em sonhar
O medo de altura em voar e saltar
A ré em recomeçar.

A poesia me transformou
e me fez transformador (Bessa, 2018, p. 174).

Percebe-se que a estrutura desse poema é diferente da dos demais poemas do livro, especialmente daqueles escritos com rimas e métricas mais regulares. Esse contém estrofes de dois e três versos. Neste poema em específico, Bessa opta por uma estrutura mais livre, com estrofes irregulares e até mesmo uma sequência de versos soltos.

Esse poema tem um tom mais introspectivo e existencial. A forma livre dá espaço ao ritmo do pensamento e da emoção, criando pausas e ênfases naturais. Percebe-se que isso aproxima o leitor de um sentimento quase confessional, um tipo de desabafo ou meditação poética.

Um destaque para o verso final: “A poesia me transformou e me fez transformador” (Bessa, 2018, p. 174). Aqui, Bessa se posiciona como alguém que vivenciou na própria pele o impacto da poesia. E a partir desse impacto ele resolveu devolver ao mundo, em forma de poesia, o que um dia o salvou. Esse processo de cura e fortalecimento pessoal é o que legitima a atuação de Bessa como poeta e agente de mudança social. Ao compartilhar suas experiências e sensibilidades, ele inspira leitores a ressignificarem sua própria história.

Em *Poesia que Transforma*, somos levados a uma reflexão acerca do poder da poesia como instrumento de transformação da vida das pessoas. As palavras de Bessa nascem da escuta sensível do mundo e de suas vivências. Essas palavras despertam afetos, ressignificam dores e impulsionam movimentos de reconstrução interior. Cabe dizer que a poesia de Bessa ultrapassa o caráter contemplativo e passa a ser um instrumento de cura, resistência e reinvenção. O autor legitima-se como agente transformador, pois mostra que, ao transformar sua própria trajetória, ele consegue provocar mudanças profundas em seus leitores. Assim sua poesia se consolida como potência transformadora de vidas e como linguagem de possibilidade.

3.2 A POESIA COMO ARMA CONTRA O PRECONCEITO

A poesia em Bráulio Bessa além de ser um ponto de encontro entre sentimentos e processos de cura, também é um espaço de denúncia e resistência. Historicamente, muitos autores utilizam a poesia como ferramenta de enfrentamento a múltiplas formas de opressão. Os discursos desses autores vão de encontro a tudo que venha desumanizar, silenciar ou

marginalizar. A poesia passa a ser uma linguagem que rompe com o silêncio imposto e tensiona as estruturas discriminatórias, tornando-se um ato de reivindicação de existência, de memória e de pertencimento.

A poesia consegue ter seu caráter político, e isso se dá justamente pelo tom de crítica e denúncia que muitos autores adotam. Podemos dizer facilmente que autores como Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré, são exemplos claros dessa vertente crítica da literatura. Suas obras utilizam a linguagem poética como meio de confrontar desigualdades sociais, abusos de poder e preconceitos estruturais de suas épocas. Essa denúncia presente nos poemas vai ao encontro da proposta de humanização defendida por Antonio Candido. Para ele, a literatura exerce um papel fundamental na formação ética dos indivíduos e na ampliação de sua sensibilidade diante do sofrimento alheio:

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Isso posto, devemos lembrar que além do conhecimento por assim dizer latente, que provém da organização das emoções e da visão de mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejados pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta suas intenções de propaganda, ideológica, crença, revolta, adesão etc (Candido, 2011, p. 182).

Assim, podemos compreender que a poesia crítica carrega a sensibilidade estética e a força da indignação consciente. A revolta do autor diante da injustiça social é incorporada à sua criação poética e funciona como motor para provocar o leitor e instigá-lo à reflexão, ao tornar visível aquilo que a sociedade frequentemente esconde. O poeta assume o papel de agente de transformação, fazendo da palavra um instrumento de denúncia e de reconstrução da dignidade humana.

Em *Poesia que Transforma*, Bráulio Bessa dá seu tom inspiracional, mas também tece críticas e denuncia, principalmente as injustiças sociais sofridas pela população nordestina. Por meio dos versos e da prosa, Bessa articula sensibilidade e resistência, evidenciando as marcas deixadas pelo preconceito, pelo abandono estatal e pela desigualdade histórica que afeta o povo nordestino.

O tema preconceito, principalmente o vivido pelo povo nordestino, foi o ponto de partida para a descoberta de Bráulio Bessa. Antes de ele passar a participar do programa de televisão, teve um considerável reconhecimento do público nas redes sociais, mas não como autor de poemas. Bessa tinha uma página no *Facebook* chamada “Nação Nordestina”, onde compartilhava conteúdos relacionados à cultura, aos costumes e à valorização do povo nordestino. Inicialmente, suas postagens eram mais voltadas à exaltação da identidade regional,

com frases de impacto e imagens emblemáticas. Bessa conta que sua página passou a ser um lugar de apoio entre os nordestinos que sofriam algum tipo de preconceito:

A página se tornou um ponto de encontro. Passei a receber 200 mensagens por dia de gente que sofria preconceito. As pessoas viam a página — e quem estivesse por trás dela — não só como uma espécie de psicólogo pra desabafar, mas também como um justiceiro para dizer aos criminosos o que eles mereciam ouvir. Um nordestino sofria preconceito no elevador, chegava em casa, ia na página e mandava uma mensagem para a Nação Nordestina. Comecei a ter um contato muito forte com isso e a perceber como era tão comum (Bessa, 2018, p. 51).

Bessa foi chamado para o programa *Encontro* para falar sobre o jeito nordestino de ser. A partir daí passou a participar frequentemente do programa, até ganhar um quadro semanal para declamar suas poesias. Nesse espaço, suas palavras passaram a alcançar um público ainda mais amplo, levando sua poesia para dentro dos lares brasileiros.

O preconceito sofrido por nordestinos geralmente está atrelado a algum estereótipo ou estigma da população nordestina. Bráulio Bessa compartilha uma memória marcante de sua infância, que exemplifica como o preconceito regional pode se manifestar de forma velada, travestido de brincadeira. A situação ocorreu durante uma visita de Bessa a seu pai em São Paulo, e revela a sutileza com que estereótipos sobre o Nordeste são naturalizados no discurso cotidiano, muitas vezes sem a percepção imediata de seus efeitos. Só com o passar do tempo, o autor pôde compreender a dimensão daquela experiência e identificá-la como um dos primeiros contatos com a discriminação:

Também foi nessa viagem que eu sofri pela primeira vez o preconceito por ser nordestino. Meu pai fez um churrasquinho na casa dele, e eu peguei um espeto com carne como se fosse uma espada, de brincadeira. Meu pai tirou uma foto e alguns dias depois mandou revelar o filme. Quando ficaram prontas, eu estava no balcão da loja olhando as fotos na hora do café e um funcionário, que era de São Paulo, viu essa foto com o espeto de carne e comentou: “Essa aqui é para o seu menino levar lá para o Ceará e mostrar ao povo lá o que é carne, né?” As pessoas riram, eu ri, mas hoje vejo que foi o primeiro momento em que existiu uma discriminação por ser nordestino, por essa atribuição de que todo mundo no Nordeste passa fome, como se lá ninguém soubesse o que era carne assada (Bessa, 2018, p. 137).

O comentário do funcionário, disfarçado de piada casual, não foi um ato isolado de zombaria, foi a verbalização de um estigma histórico que reduz uma região inteira à imagem única da seca e da fome como fatores totalizantes da região. O ponto mais impactante do relato é a reação do próprio Bessa: “As pessoas riram, eu ri”. Isso expõe o quão profundamente internalizada e normalizada essa visão estereotipada pode ser, a ponto de a própria vítima ser levada a participar, momentaneamente, de sua própria depreciação. A “brincadeira” só é identificada por Bessa como “discriminação” anos depois, com o amadurecimento e a consciência crítica.

Em vez do nordestino que "não sabe o que é carne", Bessa se apresenta como o nordestino intelectual, o poeta, o comunicador. Sua presença semanal na televisão brasileira torna-se, assim, uma forma de resistência poética e política, substituindo a imagem da carência pela imagem da potência intelectual, reescrevendo a narrativa preconceituosa que tentaram atribuir a ele por meio de uma “brincadeira”.

A poesia de Bessa se propõe a educar, a sensibilizar e a levar o leitor a refletir sobre as questões levantadas. A forma com que Bessa luta contra o preconceito ao nordestino está na exaltação das particularidades do “ser nordestino”. O sotaque, os costumes, a simplicidade e a relação com a terra e com a fé, são abordados como símbolos de força, sabedoria e orgulho.

É possível dizer que Bessa não tenta apagar ou neutralizar o estereótipo; ele o confronta diretamente. Ao invés de se envergonhar do sotaque, que é frequentemente ridicularizado, ele o transforma na própria métrica e melodia do seu verso, provando que ele é veículo de alta cultura e de sentimento profundo. A "simplicidade", que o preconceito associa pejorativamente à ignorância ou à pobreza, é rebatizada em sua obra como sabedoria popular e como uma forma mais autêntica de viver.

Bessa, portanto, não está apenas declamando, ele está praticando um ato de alquimia cultural. Ele subverte a lógica do estigma ao tomar o veneno do preconceito e transformá-lo na própria matéria-prima de sua arte. Fazendo isso, ele cura a si mesmo daquela antiga "brincadeira", e oferece ao Brasil um espelho no qual a identidade regional não mais é uma limitação, é a fonte de sua força e atributo de sua identidade.

No poema “Um matuto em Nova Iorque”, podemos perceber o relato do autor, em forma de poesia, sobre sua experiência ao viajar para a cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. É interessante notar, nesse poema, a maneira como Bessa exalta sua terra e valoriza as particularidades nordestinas, algo já perceptível a partir da primeira estrofe:

My brother, sou nordestino
nascido lá no sertão.
Whisky pra mim é cana
misturada com limão.
Matuto do pé rachado,
danço forró e xaxado
e adoro cantoria.
Na minha terra é assim,
o tal do bacon é toicim
e Mary lá é Maria (Bessa, 2018, p. 168).

Aqui podemos perceber que Bessa utiliza sua poesia como afirmação de identidade e resistência cultural. Ele contrapõe elementos da cultura nordestina com símbolos associados à

cultura estrangeira. Em “My brother, sou nordestino/ nascido lá no sertão” (Bessa, 2018, p. 168), o poema entrelaça o inglês com o português de forma sutil, mas bastante significativa. Bessa se apropria da saudação estrangeira “My brother” apenas para usá-la como um prólogo para sua autoafirmação imediata e intransigente (“sou nordestino / nascido lá no sertão”).

Essa justaposição inicial estabelece o tom de todo o poema: Bessa não está em Nova Iorque para ser assimilado, mas para observar a grande cidade através das lentes de sua própria cultura, que ele considera autossuficiente.

As linhas seguintes são um exercício de tradução cultural e de afirmação de valores. O poema não tenta se adaptar ao uísque ou ao bacon, símbolos de um estilo de vida globalizado, em vez de fazer isso, ele os “traduz” para seus equivalentes sertanejos, afirmando que o valor real, para ele, reside na “cana misturada com limão” e no “toicim”. O poema desarma a expectativa de deslumbramento ou inferioridade do “matuto” diante da grande cidade. Bessa inverte o que poderia ser um complexo de vira-lata, usando a experiência em Nova Iorque não para se sentir menor, mas para provar a força de suas raízes.

Nos versos “Matuto do pé rachado, / danço forró e xaxado/ e adoro cantoria” (Bessa, 2018, p. 168) reforçam o orgulho de suas raízes humildes e exaltam a cultura popular nordestina, onde o forró e xaxado são duas importantes expressões culturais que carregam consigo a memória e a identidade de um povo. O eu lírico afirma sua ligação com essas manifestações artísticas, celebra sua origem e reivindica espaço e valor para práticas culturais.

A imagem do “pé rachado” é particularmente poderosa. Longe de ser um eufemismo, é uma descrição crua que o preconceito associaria diretamente à miséria, ao atraso ou à falta de “civilidade”. Cabe dizer que o eu lírico se torna um selo de autenticidade, um testamento de sua conexão física e inabalável com o chão do sertão. Ele não esconde a dureza de sua origem, ele a ostenta com orgulho, como prova de uma vida vivida com verdade.

O poema apresenta um contraste quando fala “Tô aqui na Times Square/ mas prefiro o meu terreiro.” (Bessa, 2018, p. 168). A *Times Square*, é tratada aqui como a representação da modernidade, do consumo e do ritmo acelerado das metrópoles, é contraposta ao “terreiro”, símbolo do sertão e de um modo de vida mais pacato, marcado pelo pertencimento e pelas relações afetivas. O contraste estabelecido por Bráulio Bessa é um ato de resistência cultural. Ele não posiciona o sertão como um lugar de atraso a ser superado pela modernidade, o posiciona como um refúgio de valores humanos essenciais que estão sendo erodidos pelo mundo globalizado.

Nas estrofes finais o poema expande o seu grau de exaltação, na penúltima estrofe, faz uma série de comparações das comidas típicas de Nova Iorque com as comidas típicas

nordestinas, como a buchada, a carne de sol, a macaxeira e a rapadura. Essa enumeração gastronômica é profundamente afetiva e identitária. Os alimentos representam a memória, a cultura e os vínculos com a terra natal. Ao afirmar que “hambúrguer não chega aos pés/ de carne de sol torrada” (Bessa, 2018, p. 169), o poeta eleva o valor da culinária regional, que, embora seja simples, carrega consigo história, afeto e pertencimento.

A relação afetiva expressa nas estrofes finais do poema "Um matuto em Nova Iorque" dialoga diretamente com o que Santos e Lima (2020) aponta ao afirmar que, para existir vínculo com um lugar, é preciso haver uma construção de sentimentos, valores e memórias que estabeleçam um sentido de pertencimento (Santos e Lima, 2020, p. 281). Ao exaltar elementos simples e cotidianos de sua terra natal, como a comida típica, a tranquilidade da rua de casa e o modo de vida interiorano, o eu lírico revela uma conexão profunda com seu território de origem, Alto Santo-CE.

A consolidação dessa reafirmação do autor se dá nos últimos versos quando diz “Sou mais um cabra da peste/ e não troco meu Nordeste/ por States de ninguém (Bessa, 2018, p. 169). Nesse trecho, o pertencimento é verbalizado com firmeza e orgulho, reforçando a valorização da identidade nordestina diante de uma cultura estrangeira tida como símbolo de progresso e modernidade.

Podemos dizer que nesse poema o autor vislumbra o novo e as belezas de uma cidade como Nova Iorque, mas faz isso ao mesmo tempo em que exalta suas raízes em comparação ao que é vislumbrado em sua viagem. Tal exaltação funciona como uma forma de reafirmação identitária e resistência cultural, ao valorizar aquilo que muitas vezes é considerado simples ou inferior diante dos padrões urbanos e estrangeiros de um lugar como Nova Iorque. Essa postura de resistência cultural e de orgulho das origens não é um tema isolado na obra de Bessa; pelo contrário, é um pilar central de sua motivação como artista. O próprio autor aprofunda essa discussão em seu livro *Poesia que Transforma*.

Na obra, Bessa conta em prosa sobre a enxurrada de ataques contra nordestinos que ocorreu durante as eleições de 2014, revelando como esse episódio despertou nele um sentimento profundo de indignação e de urgência em usar a poesia como forma de resistência. Bessa conta que ligou a câmera e declamou o poema de Bráulio Tavares e Ivanildo Vila Nova, chamado “Nordeste Independente”:

Já que existe no Sul este conceito
que o Nordeste é ruim, seco e ingrato,
já que existe a separação de fato,
é preciso torná-la de direito.
Quando um dia qualquer isso for feito

todos dois vão lucrar imensamente
começando uma vida diferente
da que a gente até hoje tem vivido:
imagine o Brasil ser dividido
e o Nordeste ficar independente”
(*apud* Bessa, 2018, p. 52).

Pelo trecho do poema declamado por Bessa, já é possível dizer que se trata de uma resposta poética e política que ironiza o preconceito sofrido. O poema traz uma mensagem bem-humorada, porém incisiva, que subverte a lógica discriminatória ao imaginar, de forma provocativa, um Nordeste autônomo e independente.

Bessa conta que grande foi a repercussão após ele postar o vídeo declamando esse poema. Conta que postou em sua página pessoal, sem a intenção de viralizar, mais como um desabafo, uma forma de expressar sua revolta diante do preconceito contra os nordestinos. No entanto, o vídeo ganhou grande alcance e foi compartilhado por milhares de pessoas que se reconheceram na mensagem e se sentiram representadas. Bessa (2018) fala que o intuito ali era, por meio de um desabafo, confrontar os ataques preconceituosos. A repercussão e o fato de o vídeo ter sido compartilhado por milhares de pessoas provaram que sua mensagem era pessoal e necessária. É possível dizer que os leitores puderam se sentir representadas pelo poema e pelo próprio gesto de Bessa. Dessa forma, o vídeo cumpriu uma dupla função: foi um ato de confronto (contra os agressores) e, simultaneamente, um ato de acolhimento (para os agredidos), reconhecendo e validando a dor e o orgulho de quem se viu atacado.

A xenofobia não se limita a atingir somente estrangeiros de outros países, isso se dá em grupos sociais dentro do mesmo país e acontece por meio da discriminação, seja ela social ou cultural. Essa discriminação se manifesta na construção de estereótipos negativos, na exclusão social e na negação de direitos, reforçando desigualdades históricas e marginalizando esses grupos por serem considerados “diferentes”. Coutinho (2022) observa que, ao longo dos anos, por meio da construção histórica e das diversas mídias, signos sobre a região Nordeste foram desenvolvidos e sedimentados no imaginário coletivo. Temas como pobreza, seca, analfabetismo, escassez e violência foram fixados historicamente na região nordestina, criando uma imagem distorcida e reduzida da região.

Bráulio Bessa tomou consciência disso em meio aos ataques xenofóbicos sofridos pela população nordestina e viu que sua voz e sua poesia poderiam se tornar ferramentas de resistência e reconstrução identitária: “A responsabilidade era grande, o peso era grande. Mas como sempre digo, quanto maior o peso que se carrega nas costas, mais força a gente cria nas pernas!” (Bessa, 2018, p. 53). Essa declaração do autor evidencia o compromisso ético que ele

adotou para com a população nordestina. Observando sua dor e a dor compartilhada por tantos outros, Bessa escolhe também um lugar de denúncia em sua poesia, dando espaço ao acolhimento e ao empoderamento.

O fato de o autor lutar contra o preconceito e contra a estigmatização em relação aos temas que englobam a população nordestina, não faz com que ele esqueça que esses problemas existam, mas que os reconheça com senso crítico e sensibilidade, sem permitir que seja definida uma totalidade da identidade do povo nordestino. O tom de denúncia é percebido nessas estrofes do poema “Fome”:

Procurei entender
qual a receita da fome,
quais são seus ingredientes,
a origem do seu nome.
Entender também por que
falta tanto o “de comê”,
se todo mundo é igual,
chega a dar um calafrio
saber que o prato vazio
é o prato principal.

[...]

Continuei sem saber
do que é que a fome é feita,
mas vi que a desigualdade
deixa ela satisfeita.
Foi aí que eu percebi:
por isso que eu não a vi
olhei pro lugar errado
ela tá em outro canto
entendi que a dor e o pranto
eram só seu resultado.

Achei seus ingredientes
na origem da receita,
no egoísmo do homem,
na partilha que é malfeita.
E mexendo um caldeirão
eu vi a corrupção
cozinhando a tal da fome,
temperando com vaidade,
misturando com maldade
pro pobre que lhe consome.

Acrescentou na receita
notas superfaturadas,
um quilo de desemprego,
trinta verbas desviadas,
rebolou no caldeirão

vinte gramas de inflação
e trinta escolas fechadas
(Bessa, 2018, p. 54 - 55).

A denúncia aqui é feita sobre a estrutura desigual do Brasil. O poema propõe um deslocamento de olhar. Ao invés de uma série de lamentações acerca do problema, o autor opta por buscar a “receita”, ou seja, suas origens e os fatores que a alimentam.

O poema faz um paralelo por meio de uma metáfora culinária entre o ato de cozinhar e o processo histórico-cultural gerador da fome. O autor não pensa a fome como um fator natural e inevitável. A fome aqui é pensada como um resultado de escolhas políticas, em que a má distribuição de recursos públicos e a negligência do poder público frente aos que mais necessitam fazem parte dos ingredientes da fome. A fome aqui é tratada como algo que vai além da ausência de alimentos. É uma consequência direta das injustiças.

Nos versos finais, os ingredientes dessa fome são metaforizados de forma contundente. O poema traz como ingredientes: corrupção, desemprego, verbas desviadas, inflação e escolas fechadas. Não se acanha em nomear os responsáveis dessa fome, desmontando a ideia de que a fome seja fruto somente do acaso ou de condições climáticas.

Aqui a fome não é abordada como uma fatalidade, ela é fruto da má gestão política que ocasiona as desigualdades. Quando o autor faz isso, ele tenta romper o olhar preconceituoso que naturaliza a miséria no Nordeste. A posição aqui é de denúncia. O autor redimensiona o foco da crítica social para onde ela realmente deve ser dimensionada. Dessa forma, a poesia de Bráulio Bessa atua como uma arma simbólica contra o preconceito, desconstruindo estereótipos que associam o povo nordestino à ignorância, à pobreza e à passividade. Faz isso ao dar voz às realidades silenciadas e valorizar a linguagem, a cultura e a resistência do seu povo.

Ao longo da discussão, podemos perceber que a poesia de Bessa está para além da dimensão estética, e pode ser uma poderosa ferramenta mobilizadora social. Bráulio Bessa utiliza sua escrita inspiracional como escudo e denúncia contra os estigmas que de forma recorrente marginalizam o povo nordestino.

As questões que tocam o autor, no que se refere ao preconceito e xenofobia, são base para uma escrita de luta, uma escrita de combate, que, ao modo de Bessa, age de forma sutil, porém eficaz. Essa "escrita de combate" de Bráulio Bessa se afasta do panfleto político direto ou do poema-protesto raivoso. A sua luta não é travada no campo da agressão, mas no campo da sensibilidade e da empatia.

É possível notar na escrita de Bessa um tipo de combate ao preconceito por meio do afeto. Sua poesia é uma arma sutil porque ela não busca o embate direto. Ela busca a conexão

emocional com seu leitor. Ao falar de amor, de saudade, de família e de fé, Bessa tenta desarmar o leitor preconceituoso. Ele humaniza o nordestino de tal forma que o estereótipo (ignorante, pobre, passivo) simplesmente não consegue mais se sustentar diante de tamanha humanidade.

Na obra *Poesia que Transforma*, percebe-se a potência com que o autor se posiciona para valorizar o Nordeste. O poema “Coração nordestino”, por sua vez, aprofunda essa análise: ele revela como o autor pensa sua trajetória como poeta e sua escrita como uma necessidade (aspectos já apontados neste texto) e como essa valorização atua em sua luta contra o preconceito. Isso é percebido nos seguintes versos:

Um cantador de viola
fazendo verso rimado,
toicim de porco torrado
numa velha caçarola,
um cego pedindo esmola,
lamentando o seu destino,
é só mais um Severino
que não tem o que comer.
Tudo isso faz bater
um coração nordestino.

As conversas de calçada,
os causos de assombração,
em riba de um caminhão
a mudança inesperada,
galinha bem temperada
sem usar tempero fino,
quebranto forte em menino
pra benzedeira benzer.
Tudo isso faz bater
um coração nordestino (Bessa, 2018, p. 46).

O poema não recorre a grandes feitos históricos, ele ancora a identidade (o "coração nordestino") naquilo que é popular e, por vezes, marginalizado. A estrutura das estrofes é uma colagem de saberes e fazeres que contribuem para a definição do ser nordestino. “O cantador de viola/ fazendo verso rimado” situa a poesia de Bessa em uma longa tradição de oralidade. Isso é complementado na segunda estrofe pelas "conversas de calçada" e os "causos de assombração", validando o saber popular e a socialização comunitária como pilares culturais.

O autor traz também experiências sensoriais atreladas ao cotidiano e à culinária em "toicim de porco torrado/ numa velha caçarola" e a "galinha bem temperada". Essas experiências estão ligadas ao sentido afetivo do que é o “lar”, mais precisamente o lar nordestino. A luta contra o preconceito manifesta-se de forma explícita e implícita nessas estrofes desse poema. Bessa confronta diretamente os clichês usados para diminuir o Nordeste,

ressignificando-os. O confronto explícito é percebido justamente quando o autor se refere à culinária. No trecho "galinha bem temperada/ sem usar tempero fino" é, talvez, a passagem mais direta. O "tempero fino" representa o padrão externo, o *gourmet*, o supostamente superior (muitas vezes associado ao eixo Sul-Sudeste ou ao estrangeiro). Ao rejeitar esse tempero, o poema valoriza o tempero local e de certa forma, reivindica a autossuficiência e a legitimidade da identidade nordestina.

Nesse poema Bessa trata a pobreza como realidade, não como estigma (o preconceito contra o nordestino está frequentemente atrelado à imagem da miséria) Bessa não foge desse tema, mas o trata com cuidado. A valorização do simples é algo presente nesse poema e, aqui, atua como um ato político. Ao elencar elementos como "caçarola velha", "conversa de calçada" e "benzedeira", Bessa eleva exatamente aquilo que o preconceito urbano e sudestino rotula como atrasado, interiorano ou ignorante. O poema declara que esses elementos não são motivo de vergonha, mas sim a matéria-prima do afeto e da identidade. Hall (2006) argumenta que, especialmente para grupos marginalizados, a identidade não é um resgate de um passado puro, mas uma produção. É um ato de se posicionar dentro de um discurso. A poesia de Bessa é esse ato, Hall (2016) argumenta que a estereotipagem é uma prática de representação que reduz grupos complexos a algumas poucas características simples, essencializadas:

Os limites simbólicos são centrais para toda a cultura. A marcação da “diferença” leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer a cultura e a estigmatizar e expulsar qualquer coisa que seja definida como impura ou anormal. No entanto, paradoxalmente, também faz com que a “diferença” seja poderosa, estranhamente atraente por ser proibida, por ser um tabu que ameaça a ordem cultural (Hall, 2016, p. 157).

Se o estereótipo funciona pela redução e simplificação, a estratégia poética de Bessa é a amplificação e a complexificação. Ele não quer mostrar o Nordeste como se fosse todo igual. Pelo contrário, ele mostra os vários lados desse Nordeste, valorizando tanto as contradições quanto a experiência completa das pessoas.

O estereótipo do Nordeste frequentemente se fixa na pobreza, no analfabetismo, na escassez, no atraso e na vida pacata. O poema ressignifica os símbolos de atraso e fixidez quando fala “No Mobral, Seu Jesuíno/ aprendendo a escrever” é um poderoso ato político. Ela destrói a imagem do nordestino fixado na ignorância. Bessa mostra um Nordeste em movimento, um Nordeste que deseja, que aprende e que tenta superar os estigmas que lhe são impostos. O Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) é um símbolo de um tempo específico dos anos 70/80, mas sua presença no poema simboliza a ação e a busca por transformação, o exato oposto da "fixidez" do estereótipo. O poema "Coração nordestino" é

uma poderosa resposta ao preconceito. Em vez de mostrar um Nordeste perfeito ou esconder os problemas, Bráulio Bessa faz o oposto: ele valoriza a vida real, popular e cotidiana. Ele abraça tudo: a dor e os costumes simples que muitas vezes são vistos como atrasados. Ao mostrar essa realidade completa, Bessa quebra os estereótipos, que são sempre simplistas. Dessa forma, Bessa consegue transformar o que era visto com vergonha em motivo de orgulho e afeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação pudemos percorrer caminhos reveladores sobre Bráulio Bessa e sobre poesia. Para isso, propusemo-nos a explorar a complexa interseção estabelecida pelo autor entre duas literaturas frequentemente vistas como distintas: a literatura de cordel e a literatura de autoajuda.

A jornada de pesquisa e análise revelou que a obra de Bessa se configura como um interessante fenômeno cultural contemporâneo de grande relevância, que merece um olhar aprofundado por parte da academia, muitas vezes resistente a objetos de grande apelo midiático.

O primeiro capítulo, dedicou-se a construir o alicerce teórico desta dissertação. Nele, demonstramos que a produção de Bessa não se encaixa confortavelmente em categorias pré-estabelecidas. Por isso, propusemos o conceito de poesia inspiracional para definir sua escrita, um termo que busca abarcar a fusão de suas influências.

É interessante destacar que, na poesia “matuta” de Patativa do Assaré, podemos perceber uma forte marca de denúncia social e política. Já a poesia inspiracional de Bessa, por mais que também faça críticas, direciona seu foco para o acolhimento, a superação pessoal e a motivação. Este capítulo também enfrentou a discussão sobre o preconceito acadêmico, argumentando, com base em teóricos como Eagleton, que o valor de uma obra literária também reside na função social que ela desempenha e na forma como é recebida pelo público. O preconceito que o autor sofre principalmente na academia se dá muito pelo fato de Bessa escrever com esse teor inspiracional, que, de certa forma, se engendra na autoajuda. A academia tende a valorizar a complexidade formal e a profundidade filosófica e um engajamento político bem evidente. Obras de grande apelo popular e mensagem direta, como é o caso de *Poesia que Transforma*, são muitas vezes vistas como simples ou mercantilistas.

O segundo capítulo, aprofundou a análise da “transformação” proposta no título da obra, argumentando que ela se inicia no próprio autor. A escrita para Bessa não é só um ofício, é também uma necessidade pessoal, um dom que funciona como uma espécie de válvula de escape emocional e sobrevivência. Na análise do poema “Recomece”, por exemplo, é possível dizer que o autor utiliza de seus próprios versos como bálsamo para suas feridas, abraçando a própria vulnerabilidade. Por mais que estejamos falando aqui de um poema cuja criação partiu da dor de outras pessoas, é interessante destacar como Bessa converte essa dor em sua criação artística, fazendo dela matéria-prima de sua criação. Esta transformação pessoal está intrinsecamente ligada à sua identidade. A análise de poemas como “Prefiro a simplicidade” e

"Grande interior" demonstra como Bessa constrói sua autobiografia por meio de uma exaltação de suas raízes sertanejas, ressignificando a simplicidade como valor.

A oralidade, potencializada pela presença midiática do autor na televisão e redes sociais, foi identificada como a ferramenta que transporta sua transformação pessoal para o público. A conclusão deste capítulo foi a de que a poesia de Bessa só pode transformar o outro porque, primeiramente, ela transformou o próprio poeta. A poesia de Bessa, especialmente em poemas como "Prefiro a simplicidade" e em sua potente presença midiática, é a própria construção de seu espaço biográfico. Ele usa suas raízes sertanejas e as performa publicamente transformando sua subjetividade e vulnerabilidade em um ato de autoafirmação. Nos termos de Arfuch, Bessa faz de sua trajetória pessoal um texto público.

No terceiro capítulo, investigamos o impacto externo da obra, analisando como ela atua concretamente na vida das pessoas e como se posiciona politicamente. É possível dizer que o autor tenta passar nos poemas alguns direcionamentos e aconselhamentos de como viver a vida, de como enfrentar os obstáculos do cotidiano e de como se portar frente às adversidades. A comprovação mais contundente desta transformação foi encontrada nos próprios relatos dos leitores, que Bessa inclui em sua obra. Os testemunhos de Clara, que usou o poema "Recomece" para enfrentar a depressão, e de Talyta, que relata ter desistido de pensamentos suicidas ao ouvir os poemas "Se" e "Recomece", são evidências pragmáticas da função "terapêutica" de sua poesia. O capítulo culmina na análise do poema "Poesia que Transforma", em que o próprio autor sintetiza sua missão: "A poesia me transformou/ e me fez transformador" (Bessa, 2018. p. 174).

Esse capítulo revela a dimensão política e de resistência da obra. Isso foi evidenciado em sua trajetória pessoal, desde a criação da página Nação Nordestina até sua reação a episódios de preconceito. A análise do poema "Um matuto em Nova Iorque" mostrou como ele subverte o complexo de vira-lata exaltando sua própria cultura. Em "Coração nordestino", o poema eleva politicamente o que é popular e marginalizado. O poema "Fome" prova que Bessa não ignora os problemas estruturais, ao contrário, ele os denuncia, identificando a desigualdade, a corrupção e a partilha que é malfeita dos recursos públicos, como as verdadeiras causas da miséria, deslocando o estigma do povo para o sistema.

Diante disso, podemos concluir que a transformação proposta por Bráulio Bessa ocorre de três formas. Primeiramente, a transformação pessoal do próprio autor. Essa transformação do próprio poeta encontra na escrita um dom e um mecanismo de cura para suas próprias dores e inquietações. A transformação também ocorre de forma individual, focada do leitor. Como comprovado pelos relatos dos leitores presentes na obra, a poesia de Bessa atua também no

enfrentamento de crises emocionais trazendo conforto a quem lê. Pode-se dizer que a transformação proposta por Bessa também ocorre no social ou coletivo. Essa é a transformação política que combate o preconceito xenofóbico. Bessa transforma o estigma em orgulho, utilizando sua poesia inspiracional como uma arma sutil que humaniza e valoriza a cultura nordestina, ao mesmo tempo em que denuncia as desigualdades estruturais da região Nordeste.

Cabe dizer que a literatura de cordel fornece a forma e a tradição. Dessa literatura, Bessa herda a oralidade, a métrica acessível, a linguagem popular, a conexão com as raízes sertanejas e sua inspiração no poeta Patativa do Assaré. Entender como se configura a relação que Bessa tem com Patativa do Assaré foi de fundamental importância para compreender sua poesia.

Já a literatura de autoajuda fornece o propósito e a função. Dessa literatura, Bessa extrai o foco no “eu”. Com tom aconselhador, ele encoraja a superação e a busca pela transformação. É importante dizer que o autor se beneficia mercadologicamente falando, pois sua poesia se aproxima dessa autoajuda, que atualmente é um fenômeno no mundo todo. A atualidade se encontra em uma constante busca por direcionamentos de vida. Expectativa que, de certa forma, é suprida pela obra de Bessa.

Bessa bebe dessas fontes, e isso é refletido em sua obra. A análise evidenciou que Bessa não escreve apenas versos bonitos, ele propõe caminhos. Sua poesia atua como um elo entre o íntimo e o coletivo, entre o sertão e o mundo, entre a dor e o recomeço. Enquadrar a obra dele nos encaixes negativos da visão que alguns grupos têm da literatura de autoajuda é uma forma de diminuir e reduzir a obra. É interessante pensar nesse tipo de obra com um olhar livre de preconceitos, até para poder se entender melhor sua proposta. Um olhar preconceituoso pode limitar a pesquisa, e uma pesquisa limitada tende a ser enviesada.

Ainda que a obra enfrente esses preconceitos, ela se legitima como prática literária potente ao promover reflexões, fomentar a identidade nordestina e combater o preconceito regional. Ao reposicionar o valor do “matuto”, da oralidade, do sotaque e da fé, Bráulio Bessa faz da poesia um instrumento de expressão e de resistência cultural. Assim, podemos dizer que *Poesia que Transforma* configura-se como uma obra híbrida, em que o cordel encontra a autoajuda, e a estética encontra o afeto. A obra reafirma que a literatura, em seus diversos formatos e funções, continua sendo uma força mobilizadora de transformações subjetivas, sociais e culturais. A poesia de Bessa se mostra uma resposta delicada, humana, mas que o olhar preconceituoso tenta invisibilizar. Ao fazer isso, ele legitima ambos os gêneros, provando que a arte popular, midiática e acessível pode ser, simultaneamente, um veículo de profunda reflexão, cura emocional e relevante posicionamento político.

Ao finalizar esta análise, compreendemos que a obra *Poesia que Transforma* de Bráulio Bessa não deve ser lida apenas como um fenômeno de vendas ou uma simplificação do cordel, deve ser lida como uma resposta estética necessária às angústias do nosso tempo. Em nossa visão, o que Bráulio Bessa realiza é uma democratização do afeto através do verso. Ele retira a poesia do pedestal sublime da erudição e a devolve ao cotidiano como ferramenta de utilidade pública. Percebemos que a força do autor reside na coragem de ser “simples” em um meio acadêmico que muitas vezes confunde complexidade com qualidade. Sua obra é um manifesto de resistência: ela prova que o sotaque nordestino e a sabedoria popular do sertão possuem uma universalidade capaz de oferecer orientação, reafirmando que a literatura cumpre plenamente o seu papel quando, além de ser lida, é sentida e vivida pelo leitor como parte de sua própria jornada de superação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia Azevedo de. **Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos**. Campinas/SP: Programa de Pós-graduação em Teoria Literária, 1993.
- ANDRADE, Dayane da Silva. **O sertanejo estilizado: projeto, autenticidade e performance de Bráulio Bessa**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.
- ANTAS, Kelly Cordeiro; GARCIA, Paulo Cesar Souza. **O cabra-macho como signo de valentia e violência**. Anais do Seminário de Pesquisa do DLLARTES 2022.1 - Fábrica de Letras, 2022.
- ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BESSA, Bráulio. **Poesia que Transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169–190.
- CHIARADIA, Adriana Maria Gonçalves. **Política, história e sociedade: A literatura de Cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante**. Nova Chavantina MT: Pantanal Editora, 2020.
- COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. Tradução Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura Para Quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- COUTINHO, Vinicius da Silva. **Além dos 280 caracteres: ódio e racismo contra nordestinos(as) no Twitter nas eleições de 2022**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) – Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2025.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FRIEDRICH, Hugo. **A estrutura da lírica moderna**. Tradução Marise M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.
- GAUDÊNCIO, Sale Mário; BORBA, Maria Socorro Azevedo. **O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte**. Biblionline, UFRN, p. 82-92.
- HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 62.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NOGUEIRA, Renata de Carvalho. **A poética social de Patativa do Assaré**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, 2017.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 11.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Mateus; SOUZA, Maurício. **Literatura de autoajuda, sugestão e contemporaneidade**: uma leitura psicanalítica. 23 f. Rev. Polis e Psique: 2018. p. 168.

PINHEIRO, Maria do Socorro, **A criação poética de Patativa do Assaré**. Fortaleza: 130 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Ceará, 2006.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1982.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de autoajuda e individualismo**: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massas. 2. ed. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

SANTOS, Jackson Sousa dos; LIMA, Tiago Caminha de. **O elo entre a pessoa e o lugar: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do povoado Baixão do Pará, município de Gonçalves Dias – MA**. *Geografia: Publicações Avulsas*, Teresina, v. 2, n. 1, p. 274–291, jan./jun. Universidade Federal do Piauí, 2020.

SAUTCHUK, João. **A poética do improviso**: prática e habilidade no repente nordestino. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA, Laila Raiane de Macedo. **Um estudo sobre a literatura de cordel: origens e peculiaridades**. Posse: Universidade estadual de Goiás, 2017.

TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos**: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

TUCHERMAN, Ieda. **Relações perigosas**: Autoajuda, mídia e biopoder. Porto Alegre: FAMECOS, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.